

# AUTORES & LIVROS

7/6/1942  
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mário  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Nº 18

## Notícia sobre Ronald de Carvalho

Ronald de Carvalho, em 1934, foi promovido a ministro-tente, comunicava à imprensa que o considerava salvo. Desde então as notícias que circulam e os prognósticos dos médicos que o visitam, são inteiramente contraditórios. No dia 8 de fevereiro os seus amigos estão desesperados de sua salvação e o fazem transferir para a Casa de Saúde Pedro Ernesto. No dia 12 os jornais declararam que o seu estado continua a inspirar cuidados, tendo-se manifestado, há alguns dias, sintomas de infecção secundária na cistura de órgãos atingidos pelo desastre.

Ronald de Carvalho pertencia às seguintes associações: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; Real Sociedade de Geografia da Itália; Instituto de Coimbra; Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes; Junta Nacional de História do Uruguai; Poet's Guild of America, de Washington; Academia Latina de Paris; Sociedade Felipe de Oliveira; Fundação Graça Aranha, etc.

Desde 1910 mantivera ele assidua atividade no jornalismo carioca. Apareceu naquele época no "Diário de Notícias", que tinha como diretor Rui Barbosa. Merece destaque muito especial a colaboração que sustentou para "O Jornal".

Em concurso realizado pelo "Diário de Notícias" desta capital, em 1935, foi Ronald eleito o principal dos prosadores brasileiros, sucedendo assim a Oscar Barbosa e a Humberto de Campos, que tinham merecido grande distinção dos leitores brasileiros.

Era casado com d. Leila Acioli de Carvalho, tendo tido o casal quatro filhos: Artur, Fernando, Tomaz e Raul.

\*

Ronald de Carvalho, como se sabe, faleceu vitimado por um desastre de automóvel. O dia 19 de janeiro de 1935 era um domingo, e o escritor resolveu ir a Petrópolis, para passá-lo com a esposa e o filho Tomaz, em casa de amigos. As 4 horas da tarde, resolviu regressar ao Rio, e telefonou ao seu cunhado, o dr. Antônio Acioli, para que o fosse buscar a estação Barão de Mauá. Chegando ali, encontraram a barata de propriedade do dr. Antônio Acioli, e neia se acomodaram. Ronald ocupou o sofá, e assento de trás da barata.

Dirigindo-se a Botafogo, e desejando evitar a Avenida Rio Branco, o dr. Antônio Acioli trouxe o carro pela rua da Quintana, em demanda da Espanha do Castelo. Ao chegar à esquina da rua Buenos Aires, a barata foi colhida em cheio por um carro de praça, e atirada contra a parede de um dos prédios. Os seus passageiros foram com ela arremessados a distância, tendo Ronald de Carvalho perdido os dentes. Em grave estado, foi levado para a Assistência. Também ficaram feridas as outras pessoas que vinham no carro, mas os ferimentos que receberam foram leves e em poucos dias se restabeleceram. O exame médico verificou logo que Ronald sofrera forte ruptura do couro cabeludo, varas fraturadas de bacia, ruptura da bexiga e hemorrágia interna. Socorrido pelos drs. José Beleza, Augusto Paulino Filho e Epaminondas de Figueiredo, foi imediatamente submetido a várias transfusões de sangue, parecendo de perfeitamente animador o seu estado. Na quinta-feira seguinte — 24 de janeiro — o dr. José Beleza, seu médico assistente, foi removido para o Rio. Aqui, por ato de 19 de fevereiro de José Beleza, seu médico assistente,

## ATITUDE DE SABEDORIA

RONALD DE CARVALHO

*A melhor e mais sábia atitude do homem, neste mundo que não é seu nem foi feito para ele, é aquela avisada tolerância recomendada pelo poeta do Rubavot. O vinho no copo, a mulher amada entre os braços e uma árvore frondosa protegendo-lhe a paz, eis o que todo homem deseja, inconscientemente. Quem é feliz, ou quem esquece de que é infeliz, acha sabor na vida, um sabor um tanto acre, sem dúvida, mas assim mesmo capitoso.*

*Nos complicamos o problema da existência com uma nuvem de palavras, douradas e outra nuvem de lembranças temosas e mortificadoras. Palavras inutilezas e lembranças insopitáveis, tão como as trepadeiras que se enrolam, preguiçosamente, ao longo dos troncos robustos. Dão, por vezes, alguma flor menos mojada, mas só o tronco sabe quanto lhe custou aquele formoso luxo. Todas as nossas ideias apriorísticas sobre a natureza do bem e do mal, todas as nossas construções metafísicas são como as flores daquela trepadeira. Quanto mais coloridas, tanto mais dolorosas... Devemos fazer da vida um motivo de alegria e de saúde, sem contudo, nos entregarmos aos impulsos da sensação pura, ao peso brutal do momento que passa.*



PACHECO

RONALD DE CARVALHO

## SUMÁRIO

PÁGINA 279:

— Notícia sobre Ronald de Carvalho.  
— Atitude de sabedoria, de Ronald de Carvalho.  
— Sumário.

PÁGINA 280:

— Evocação de Ronald de Carvalho, de Tristão de Athayde (da Academia Brasileira de Letras).

— A tortura da arte contemporânea, de Ronald de Carvalho.

PÁGINA 281:

— Bibliografia de Ronald de Carvalho.

— Cultivemos a nossa verdade, de Ronald de Carvalho.

— O sentimento da Morte em Ronald de Carvalho, de Mário Leão.

PÁGINAS 282 E 283:

— Algumas poesias de Ronald de Carvalho: Vida — Velhas imagens — Destino — A uma senhora indiferente — Depois de ler a Vita Nuova — A espera do Luar — Transfiguração — A eterna pergunta — Depois da adolescência — Noite — Avatar — Deus — Pô — No alto da montanha — Caminho eterno — Anoitece... — Balada.

PÁGINA 283:

— Ronald de Carvalho, de José Maria Belo.

PÁGINA 284:

— Alguns epigramas de Ronald de Carvalho: Inscrição — Bubay at — Interior — Bucólica — Noite de Junho — Vento noturno — Teora — Literatura — Cheiro de terra — Pedagogia — Arte poética — Doutra.

— Poesia, de Ronald de Carvalho.

PÁGINA 285:

— Alguns poemas de Toda a América, de Ronald de Carvalho: Advertência — Poesia.

— Los Angeles — Xochimilco ou o epígrafe da inédita exilada — Toda a América.

— Jamnes e Ronald: dois conceitos da natureza, de Afonso Arruda de Melo Franco.

PÁGINAS 286, 287 E 288:

— Atualidade de Ronald de Carvalho, de Paulo Medeiros e Albuquerque.

— Estudos de João Ribeiro sobre Ronald de Carvalho: I — Os Poemas e Sonetos; II — A pequena história da literatura; III — Estudos Brasileiros, segunda série; IV — Estudos Brasileiros, terceira série.

PÁGINA 289:

— Palavras de Graça Aranha numa festa a Ronald de Carvalho.

— A sabedoria do erro, de Ronald de Carvalho.

PÁGINAS 290 E 291:

— De Rodenbach a Verhaeren de Ronald de Carvalho.

— Esemérides da Academia.

PÁGINA 292:

— Lume de Estrelas, premiado pela Academia.

— Alguns poemas de Lume de Estrelas: Que luses são essas? — Por campos vim — A loura Amada — Triste canção para a irmã.

PÁGINA 293:

— O Intermezzo, de Heine. Ns. 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56. Traduções de Gonçalves Crespo, Fontoura Xavier, Luiz Delfino, João Ribeiro, Augusto de Lima, Rodrigo Octávio, Magalhães de Azeredo, Belarmino Carneiro e Arthur Azevedo.

PÁGINA 294:

— O Bêbedo, poema de Augusto Frederico Schmidt, com ilustração de Oswaldo Goeldi.

# Evocação de Ronald de Carvalho

Tristão de Athayde  
(da Academia Brasileira)

(Especial para "Autores e Livros")

O envelhecimento e a morte convivem naturalmente às evocações da mocidade. E tornam perdoável toda referência a nós mesmos. Vai ficando mais escassa a margem de nossa permanência entre os homens e sentimos até como um dever a necessidade de contar os coisas do nosso passado, por mais insignificantes que sejam. Nós somos nós os juizes do interesse que passa ter, para os outros ou para o futuro, essa nossa experiência da vida dos homens. O essencial é fazê-lo sem preterir. O essencial é sempre termos em vista a nossa perfeita individualidade. Nada de mais ridículo de que a vacuidade. E entretanto não de mais apelado ao coração de homem e de modo particular; a esse curioso animal por alguém chamado de — homem de letras, que passa a vida entre o sorriso sofisticado de engano mútuo e o gesto mofado de se entredelar.

Não desejo fazer aqui nem uma nem outra coisa, mas apenas recordar em poucas linhas a convivência com um dos espíritos que mais profundamente marcaram nossa geração — Ronald de Carvalho.

Vejo, nessa distância que os anos vão encenando de impalpável pôr-ao, nossa aproximação distribuída por quatro fases diferentes — a da Escola, o do Homorati, o do Modernismo e os últimos tempos.

Não fui um colega de aula, no Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, como então copiosamente se enfituavam nesse escoço. Ronald era de uma turma posterior, creio eu, à minha. O que nos aproximou, na Faculdade, foi o gosto pelos letitios. Nem Ronald nem eu nos interessávamos pelos estudos jurídicos. Não havia partidos entre os estudantes de então. Mas havia tendências. E os "literários" se distinguiam dos "jurídicos". Olhavam para esses últimos com certo desdém inconfessado, que nos era cordialmente retribuído. No Ginásio Nacional a divisão era por barrios. Os meninos dos subúrbios contra os meninos de Botafogo. Na Escola eram os rapazes que liam Verlaine em face dos que davam as Ordenações do Reino.

Ronald era naturalmente e desde então o chefe dos verlaineiros. O Simbolismo era a nossa escola literária. Vivímos impregnados de Mallarmé, citando Francis James, gostando às escondidas de Samaín e fazendo de Baudelaire nossa bandeira política.

A essa intoxicação simbolista — aliás perfeitamente inocente, pois todos tínhamos de sótãnicos, de nefelibatos ou de decadistas — juntava-se Ronald de Carvalho e foi o maior logo que por ventura nos aproximou, um grande conhecimento dos clássicos gregos e latinos. Lembro-me ainda que foi um volume de Platão, nas mãos de Ronald, que selou nossa amizade escolar. Fiquei tão espantado de ver o Fedon ou o Gorgias entre aqueles sujos escudos da velha ucharia do Poco, entre raposetas que só falavam em apostilas de ouvidos, alegrias acadêmicas ou aventuras subterrâneas — que dei imediatamente meus apreendimentos.

Não passaram, aliás, nossas relações de trocas de ideias e impressões literárias, no próprio escoço, dentro de uma grande aliança de gosto simultaneamente clássico e moderno.

Sairmos da Escola pelo mesmo tempo. Estivemos juntos em Paris, quando pouco nos vímos. Só em 1917 iniciamos ter um ano de grande intensidade, no Homorati.

Era a mesma nossa época — o Arquivo. Ainda informe, sem trabalho e com três ou quatro funcionários operários. Nossos mesmos eram contagiados. Despachávamo-nos em pouco tempo o vago expediente do dia ou dedicávamo-nos alguma atenção a leituras ou pesquisas nos velhos documentos que nos cercavam. Depois íamos para uma das janelas que davam para o pátio central, aquele admirável jardim interno do Homorati, e ali passávamos horas esquecidas a ouvir o ruído ruído dos polidores, a olhar a rigua das lanquias e a falar de coisas literárias. Foi ali, dia a dia, que Ronald me trouxe os "poemas e sonetos" do seu livro post-pornônomo; posterior ao primeirão simbolista, Ibsen, Goethe, Shakespeare, os intempóreis, eram o nosso clima de então.

Quando, com a entrada de Brasil no guerra, Nilo Peçanha substituiu o Louro Müller, posse para o Gabinete. Ali o trobilo era um pouco maior. Não nos viam tanto vez, hui fim do ano deu-se o Homorati e nossos encontros passaram a ser então apenas periódicos. Um almoço todo quinzena, não mais. Alguns visitas noturnas. Trocos de ideias sobre nossa evolução de idéias. Ans clássicos ou simbolistas da Escola, os filósofos ou universais do Homorati, começavam a suceder os mais modernos, os mais atuais. Estivemos então de Guillaume Apollinaire, de Claudel que não incluímos outro entre os simbolistas por não entendermos o seu "absurdo catolicismo"; vivímos no fervescência que o fim da guerra traz à literatura. Ronald preparava o seu histórico da literatura brasileira. Depois precipitou-se o xim e ele começou sua evolução para o modernismo. Havia justamente 20 anos saíram os "Epigramas irônicos e sentimentais". Lembrô-me da crônica delirante que ihes dediquou. Aproximamo-nos mais ainda. A nova fase de Ronald, repudiando os "simeionídeos... perfumes, solenes, elepontes", que ele mesmo fizera ouvir, para levar "as ossas desto abelha" ou os "ossos endinhas que voltam em curvas longas, tentos pelo ar", correspondia inteiramente às minhas preferências.

O livro era dedicado a Graciosa Aranha e Villas-Boas. Lembrô-me bem do noite de 1915 em que mostrei a Graciosa Aranha, que não o conhecia, um exemplar do "Luz Gloriosa", o livro inicial de Ronal, depois de quem mudou em Paris o primeiro. Foi em Petrópolis, no hotel Majestic, creio que me presenteio também de Alberto de Oliveira, antes de uma festa de arte, em que se recitou uma "Nuit" de Bussiére e em que Graciosa fez uma poesia sobre estético, onda muito nebulosa e imprecisa. "A essência do Arte é o próprio arte", era uma das sentenças que marcava o sentido do seu pensamento. Graciosa exultou com o livro de Ronald nas mãos. "Disse exatamente o que precisamos: Luz, color, macidez, exaltação, esplendor, exaltação. Quero condecorar este rapaz. Aqui temos o voz da poesia novo do Brasil depois desta guerra" e assim por diante. Pense que suas relações com Ronald duraram.

Possam-se os anos. Vem o movimento modernista. A sessão da Academia, A Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Graciosa me uniu a aparecimento próximo de Mário de Andrade, Ronald, Renato Almeida, Teixeira Soares cercam a Graciosa. Este anima o movimento. Ronald é o seu herói. Seduzido pelo dinamismo de Graciosa, Ronald vai deixando a sua ancestralidade dos "Epigramas", para chegar aos poemas energéticos, em que se conta o mundo dos móquidus e da técnica de "toda a América". Tudo um pouco artificialmente.

Dato dai um período de estriamento produtivo de nossas relações. Com um orgão meu contra o "Viagem Maravilhosa" ficamos ainda mais distantes. Ronald vai viajar. Passa anos lá. Não nos escreveremos. A literatura que nos aproxima, agora nos afastava.

Com sua volta ao Brasil, novamente nos vemos. Reencontramo-nos, sem ter

# A tortura da arte contemporânea - Ronald de Carvalho

O artista contemporâneo está diante de um dilema trágico. Uma longa tradição esterilizante de escolas tanto ou quanto fictícias, a prática de certas regras impostas pelo hábito ou pelo respeito da antiguidade, assim como o peso morto de um passado que já não corresponde aos desejos e às ambigüidades da alma moderna, estão indicando a necessidade de novos métodos mais largos e animadores. Não cabe ao artista de hoje aquela altitude de tranquilo ecletismo, que, ainda no cabo do último século, era das mais toleráveis. Tal atitude, agora, seria monstruosa, pelo indiferentismo covarde que mal esconde. Ele tem que escolher, sem hesitar, um destes dois caminhos: ou aceitar o canon acadêmico, ou dilatar que abrange até as rebeldias sérias do impressionismo, ou, então, romper com o formulário passivamente adaptado e olhar, frente a frente, a realidade tumultuosa da vida circunstante.

No primeiro caso teremos um artista amavel aviado, prudente, conhecedor daqueles enganos e misturas sábias que são o encanto dos amadores felizes. No segundo, estaremos em face de um teórico, possivelmente inferior, sem os recursos de outro, sem a sua astúcia calculada e útil, mago estaremos em face de um homem, isto é, de uma vontade criadora que, muitas vezes em detrimento de uma certa beleza convencional e upiorística, prefere a extravagância e o exotismo à prática de um minimalismo cheio de brilhos, inutiles e perigosos. Esse ideal de arte viva e livre, que, por um momento, julgaram encarnar cubistas e futuristas, não está, entretanto, nem na plasticidade geométrica daqueles nem no dinamismo metafísico destes. O cubismo nada mais é, em suma, que uma simples decomposição matemática das coisas. Ele se reduz a uma análise numérica das figuras, análise séca e precisa que, à força de tanto seleccionar o contorno dos corpos, acaba por destruir-lhos, tirando-lhes a plasticidade própria e o caráter particular. Querendo reagir contra o char-

Mau grado a crítica cerrada contra os cubistas, não resolveu o futurismo o problema que a si mesmo se propôs. Tentando segundo pontificam em sua linguagem científico-pintoresca "colocar o espectador no centro do quadro", estabeleceram os futuristas como princípio fundamental da sua estética revolucionária que, "ao invés do contorno dos objetos fugir para um centro situado em nosso horizonte, foge para uma periferia (ambiente) da qual ocupa-mos o centro" (1).

A simultaneidade da nossa visão e das coisas que inciden no rosto dela, deveriam criar, assim, um dinamismo de planos e luces, único capaz de nos dar a medida justa da linha e do movimento. Ora, baseando-se a arte futurista na linha e no movimento, e sendo estas a expressão mesma do dinamismo universal, não haveria como recusar a excelência dos principios assentados por Marinetti e Boccioni. Teríamos que aceitar, então, além da poesia do literário multílico, a pintura dos sons, dos rumores e dos perfumes, proposta por Carlo Carrà, em seu Manifesto de agosto de 1913. Perceberíamos, pois, cheios de febre e de certezas no ideal novo as cores da velocidade, da alegria, da tristeza, as "cores do movimento sentido no tempo e não no espaço". Entrariamos, então, nos domínios da eternoplastica e da ideoplástica, de

houvo uma ruptura formal, no base de tanto colo em comum de uma "mordida morta", tão cara o embos.

Encantamo-nos de ideias um tanto cruzadas, como no canto de Pirandello. Outrora era eu influenciado por Mauro e seu classicismo, por Daudet e seu reactionismo e Ronald defendia, perante mim, os revolutionários.

Nos últimos tempos, quando de noite nos aproximamos, depois de sua volta, era ele o nacionalista integral, apologista, do Estado Forte, fazendo o elogio das atitudes reacionárias e o seu omigo que, integrado na Igreja, voltava a conhecer, a amar, a defender... o Liberdade! Curioso parodioso, para aqueles que julgam pelas opiniões. Documento humano, comprobatório de tanta verdade pouco conhecida, para aqueles que vêm um pouco além da superfície das coisas.

Ronald conservava, entretanto, um fundo religioso que resistia à toda literatura, como a toda evolução política autoritária. Nos últimos tempos, no base do pensamento religioso que novamente começamos a nos entender. E ninguém sabe o que o futuro nos reservará no caminho de seus ideais.

Tudo passou de repente. Num encruzilhado deserto da cidade, à noite, de um domingo, a Providência traçou uma linha neva no seu destino. Um mês de sofrimento eterno. E todo aquela força, todo aquele admirável talento, todo aquela sede de viver e de provar todos os fontes da vida, toda aquela admirável cultura, harmoniosa, distribuída e que longe de prejuízo, impelia à inovação, todo aquela plasticidade a todos os correntes estéticas, numa sede de tudo conhecer, toda aquela vida em ebullição ascendente, tudo, tudo desapareceu em poucos dias, num dos naufragios mais trágicos e mais dolorosos da história da nossa literatura.

Ele é, porém, dos que não vêem para o fundo do mar. A medida que os tempos forem passando sua figura avultará de mais em mais no horizonte. Aliás não foi doque e quem o glória se fez de rogado em vida. Eleito príncipe das nossas prosodes pouco antes de morrer, pode ainda assistir a essa consagração, que o encheu de alegria, pois amava o glória. E como uma figura de autêntico fidalgo, de senhor da pena e do palavrão, ficará marcando, mais que outro qualquer de nossa geração, esse momento em que morria o século XIX, já em pleno século XX e este começo, hesitante, sua ocidentada carreira.

Guardo, pois, de Ronald a recordação de uma inteligência vivissima, de uma cultura das mais harmoniosas de nosso tempo, de uma plasticidade literária que o fazia muito menos um iniciador que um experimentador de correntes, de um gozo artístico requintado e um grande amor à vida, à glória e ao mundo. Foi um espírito mais universal, que nacional. E dirigiu sua arte como dirigiu sua cultura e sua carreira — comextrême lucidez e uma conciência sempre muito nitida da finalidade a alcançar. Foi um clássico, que fez modernismo onisciente ou energética para estar com o seu tempo. De fato, seu espírito e seu cultivo e levavam ao intemporal. Daí a nossa aproximação. Daí os nossos afastamentos. Daí a saudade com que hoje deixo, neste homenagem, estes fugazes recordações de tempos idas.

Richel. Vejamos e juntemo-nos, sentiríamos o insensível, talvez rímos no imponderável. O multifacetismo não passa, parece, de uma audácia, fantasia para nos arrancar da memória desse eterno cotidiano, um sonho esmagado. É uma hipérbole metafísica, tal como a enxada prima de Spinoza ou a vaca de Leibniz. A realização de tais teorias é uma verdadeira contradição em adjecto, por quanto, não cabe na arte plástica, cuja substância fundamental é a matéria e a forma, um princípio abstrato que resiste por negar a realidade da matéria e da forma. Filosoficamente, nada poderíamos dizer contra as leis da metafísica futurista. Na realidade, porém, elas são absurdas. Nossa elas não percebe os "volumes cínicos", de um Russel nem os "espessuras atmosféricas", de um Balla, nem tampoco as "sinteses" de um Sofici, assim como não consegue os nossos anelhos mentais, talvez por quanto, penetrar o dadaísmo de Tristão Tzara, ou o simbolismo poético de Picabia. Para tanto, seria necessário que as condições físicas e morais da humanidade se mostrassem muito diversa das atuais.

Faz-se mister, entretanto, que atrevemos os nossos doidos despeitos às tradições, sairmos de compreender a obra do passado, mas não nos contentemos dentro das fórmulas rígidas, nem confundamos o conceito com a verdade. Não devemos afirmar, a exemplo de Marinetti, que um automóvel lancado em vertiginosa curvatura é mais belo que a Vitoria de Samotracia. Devemos fazer, ao contrário de todas as coisas, uma obra de beleza, retirando dela a energia alegre e salubre, de que necessitarmos. Preciso não esquecer que cada homem traz consigo a sua fórmula, cada homem é um momento da harmonia universal. A modernização, entretanto é tão perigoso como a classicização. Dentro desses dois pólos está a sabedoria, Liberto-nos tanto de um quanto de outro preconceito. Sejamos, antes de tudo, homens, isto é, adaptações ao nosso caráter, sem vacilações nem timides, a formidável contingência que nos domina, porque, assim, teremos unido a nossa mesquinharia e a nossa miséria ao esplendor e à grandiosidade universal.

A tortura do pensamento contemporâneo é, apenas, uma forma agravada da velha dúvida de todos os tempos, e o maior mal do homem é tirar grande orgulho dessa mesma dúvida. Ela tem sido a inspiradora de todos os nossos tormentos metafísicos, de todas as nossas enfermidades morais. Os instantes de embriaguez que via nos dão não compensam, de modo algum, os seculos de tortura que ela tem provocado. Pessimistas e otimistas, cada qual a seu jeito, uma com mais bravura, outros com mais terror, tem provado do seu mal amargo. A validade da dúvida, da nossa dúvida, é o que nos faz inquietos e desesperados, temorosos na esperança e na desilusão. Ora, o único meio de combatê-la, já que não será possível destruí-la, é desenvolver a capacidade criadora no homem, dando-lhe ensino para construir aqueles símbolos "mínimos e serenos, que operam no coração o milagre da felicidade, a imprimem à inteligência um ritmo divino. Tenhamos a coragem de duvidar da própria dúvida, e, como Antenor, o velho pai da humanidade, revolvemos as nossas forças na beleza universal. Demos a cada homem o direito e o orgulho da sua vontade criadora.

(1) Vide: Boccioni: Pintura. Semina Futurista, ed. 1914. Gustavo Cagnoli: Cubistas, Futuristas, Pintores, ed. 1914. Frederico Lefèvre: Jeanne Pecque François, ed. 1914.

# Bibliografia de Ronald de Carvalho

Ronald de Carvalho foi um incansável trabalhador, e é obra que produziu é das mais belas das nossas letras. Sua bibliografia é, com pequenas falhas, a seguinte:

- *Luíz Gloriosa, poesias*, 1912.
- *Poemas e Sonetos* (Obra premiada pela Academia de Portugal), 216 páginas. Editores Leite Ribeiro e Mançilo. Rio, 1910. 2.ª edição, 227 páginas. Editora Leite Ribeiro. Rio, 1923.
- *Pequena História da Literatura Brasileira*. Prêmio da Academia Brasileira. Prefácio de M. Medeiros e Albuquerque. F. Briguete & Cia. Editores. Rio, 1920. 2.ª edição, revista e aumentada, 301 páginas. F. Briguete & Cia. Rio, 1932. Esse livro em 1937 estava em sua sexta edição, revista, 384 páginas. Casa Bruguete.
- *Epigramas Irônicos e Sentimentais*. 1.ª edição, 112 páginas. Editores. Anuário do Brasil. Rio de Janeiro 1922.
- *Espechos de Ariel*. Ensaios, 219 páginas. Álvaro Pinto Editor. Anuário do Brasil. Rio, 1922.
- *Estudos Brasileiros*. Pri-  
meira edição. F. Briguete & Cia. Rio, 1924.
- *A margem da História da República*. (Ideais, Crenças e Afirmativas). Depoimentos de um jovem nascido com a República. 250 páginas. Edição do Anuário do Brasil. Rio, 1922. Neste livro há um ensaio de Ronald de Carvalho intitulado *As bases de nacionalidade brasileira*. É formado de 16 capítulos, sendo os outros os seguintes: A. Carmelo Lázaro. - As novas gerações brasileiras; Celso Vieira. - Evolução do pensamento republicano no Brasil; Gilberto Amado. - As instituições políticas e o meio social no Brasil; Júlio Serrano. - O Clero e a República; José Antônio Nogueira. - O ideal brasileiro de servir do da República; Nuno Pacheco. - Finanças nacio-

nais; Oliveira Viana. - O Idealismo da Constituição; Pontes de Miranda. - Preliminares para a revisão constitucional; Tasso da Silveira. - A Conciliação brasileira; Tristão de Almeida.

- *Política e Letras*; Vicente Lúcio Cardoso. - Benjamim Constant, o fundador da República; Vicente Lúcio Cardoso. - *A margem da República*. Conclusão.

- *Toda a América*. 150 páginas. Pimenta de Melo e Cia. Rio, 1926.

- *Jogos pueris*. Rio, 1925.

- *Imagens do México*. 30 páginas. Edição do Anuário do Brasil. Rio, 1930.

- *Estudos brasileiros*. 2.ª edição, 203 páginas. F. Briguete & Cia. Editores. Rio, 1931.

- *Estudos brasileiros*. 3.ª edição, F. Briguete & Cia. Editores. Rio, 1931.

- *Labelais e o Rio do Renascimento*. 60 páginas. Editores F. Briguete & Cia. Rio, 1931.

- *Imagens do Brasil e do Pampa*, de Luc Durfau (tradução). Ariel Editora. Rio, 1934.

- *Le Brésil et le Génie Français*. Imprensa Nacional. Rio, 1933.

Depois da morte do escritor apareceram ma's:

- *Catálogo de Imagens da Europa*. 190 páginas. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1935.

- *Itinerário, Antilhas, Estados Unidos, México*, 111 páginas. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1935.

Entre os livros que ele deixou, inéditos, destaca-se a sua grande obra *O Império do Brasil e as Fronteiras do Praia*, em vários volumes, cuja edição já tem sido anuncuada.

Estão traduzidos de Ronald de Carvalho para outras línguas:

- *Epigramas irônicos e sentimentais*, para o francês, por Francis de Miomandre.

- *Toute l'Amérique*, para o

francês, por Maurice Wellische e E. H. Barber.

- *Toda a América*, para o espanhol, por Francisco Villasepresa, que também escreveu o prólogo sobre o poeta (Biblioteca Brasileira de Poetas. Madri, 1939). Casa Editorial Alejandro Pueyo.

- *Tutta l'America*, para o italiano, por G. A. Magno, com introdução de A. G. Bragaglia (Scrittori italiani e stranieri. Poesia. Dott. Gino Carabba. Editora Lanciano).

Ronald de Carvalho publicou em Paris, em 1932, na casa Editora Harzan, o seu *Kabéalis et le Rire de la Renaissance*, com prefácio de Luc Durfau.

Juntamente com Francis de Miomandre, ele traduziu para o francês, o D. Casmurro, de Machado de Assis.

francês, por Maurice Wellische e E. H. Barber.

- *Toda a América*, para o espanhol, por Francisco Villasepresa, que também escreveu o prólogo sobre o poeta (Biblioteca Brasileira de Poetas. Madri, 1939). Casa Editorial Alejandro Pueyo.

- *Tutta l'America*, para o italiano, por G. A. Magno, com introdução de A. G. Bragaglia (Scrittori italiani e stranieri. Poesia. Dott. Gino Carabba. Editora Lanciano).

Ronald de Carvalho publicou em Paris, em 1932, na casa Editora Harzan, o seu *Kabéalis et le Rire de la Renaissance*, com prefácio de Luc Durfau.

Juntamente com Francis de Miomandre, ele traduziu para o francês, o D. Casmurro, de Machado de Assis.

- *Tutta l'America*, para o italiano, por G. A. Magno, com introdução de A. G. Bragaglia (Scrittori italiani e stranieri. Poesia. Dott. Gino Carabba. Editora Lanciano).

Ronald de Carvalho publicou

## O SENTIMENTO DA MORTE EM RONALD DE CARVALHO

Mucio Leão

Esta manhã, eu retomei os "Epigramas Irônicos e Sentimentais", de Ronald de Carvalho. E meu espírito ficou a embalar-se no ritmo sonoro, musical e colorido dos deliciosos poemas.

Retidos, assim, a uma distância de vinte anos do seu aparecimento, os "Epigramas Irônicos e Sentimentais" deram-me, sem dúvida, impressões bem diferentes daquelas que recebi quando, em 1922, os ouvi, ainda inéditos, ao próprio Ronald, e bem diferentes, também, daquelas que, logo depois, já publicado o livro, recebi ao ler os versos.

Agora influíram outros elementos, bem diversos daqueles que havia em 1922, para as impressões que me veem da leitura dos pequenos poemas de Ronald de Carvalho. E o primeiro desses elementos é a própria maneira, tão brusca, tão estúpida, tão inesperada, como o querido companheiro morreu.

Com efeito, é fácil de se observar, em certos poemas do livro, uma contradição curiosa.

Os "Epigramas" marcaram um momento muito característico do espírito brasileiro. vieram no instante em que o Brasil deliberou romper definitivamente com o influjo e a inspiração que nos chegava de fora. A obra de Ronald era, assim, uma pesquisa, era a pesquisa do nosso sentimento de povo, da nossa sensibilidade peculiar, da nossa amizade, do nosso poder de criação intelectual. Um dos preceitos essenciais da escola, (ou do grupo), que Ronald representava, era o amor das coisas sadias, o culto heróico da luz, da cor, do ritmo, do esplendor brasileiro. Tudo isso, na complicada doutrinação filosófica de Gracil Araújo, mestre oficial da escola, tinha uma definição: a palavra "Alegria".

Duma poesia que se destinava a ser a representação de um tal estado de espírito, eu creio, um pensamento que deve estar sempre ausente é o pensamento da Morte.

E, entretanto, uma como obsessão da Morte é o primeiro característico que, numa leitura feita hoje, nós encontramos nos "Epigramas Irônicos e Sentimentais".

E' curioso verificar-lo.

Parce que Ronald, moço e saudável como era, tinha a previsão clara do seu destino breve e melancólico. Sua filosofia torna-se, assim, toda de conformação com as coisas efêmeras, tudo de renúncia, toda de aceitação do irremediável nada que há em tudo. Vamos ouvi-lo no seu "Rubayat":

"Não pergunte quem encheu a tua taça,  
nem quem floriu o teu jardim de rosas,  
nem quem pôs água nas tuas fontes,  
nem quem vestiu de árvore os montes,  
nem quem fez as horas doces ou dolorosas!"

Vive, irmão!  
Vive, que a vida passa...  
Canta!  
que a terra é fria e silenciosa..."

Era assim que ele se exortava, depois de ter dado a si mesmo este conselho de definitiva pacificação com as coisas sem remédio:

"Contenta-te com ser uma apariência, irmão!  
simples capricho da ilusão universal!"

Há qualquer coisa da resignação triste de Marco Aurélio em Epicteto em certas verificações que Ronald faz da irremediável precariedade da vida. Esta, por exemplo:

"A vida é boa.  
E é longo o sono  
muito longo o sono  
que dormirás na sombra  
debaixo do chão..."

Enfim, há uma ordem de poemas a considerar com especial atenção nos "Epigramas Irônicos e Sentimentais": são os epitáfios que lá encontramos.

Não é estranho que, numa poesia que antes deveria ser a exaltação da alegria, do ritmo colorido, da festiva expansividade brasileira (como queria o grupo literário que Ronald representava), apareçam melancólicos entretons de epigramas funerários? Pois aqui está a suavidade triste do "Amavel epitápio":

"Não chores, não viajor. Sorri, viajor!  
Não vés os pássaros nos ramos?  
Não vés as rosas nos hastis?"

"A vida é assim. Um minuto que dansamos,  
um minuto, dois..."

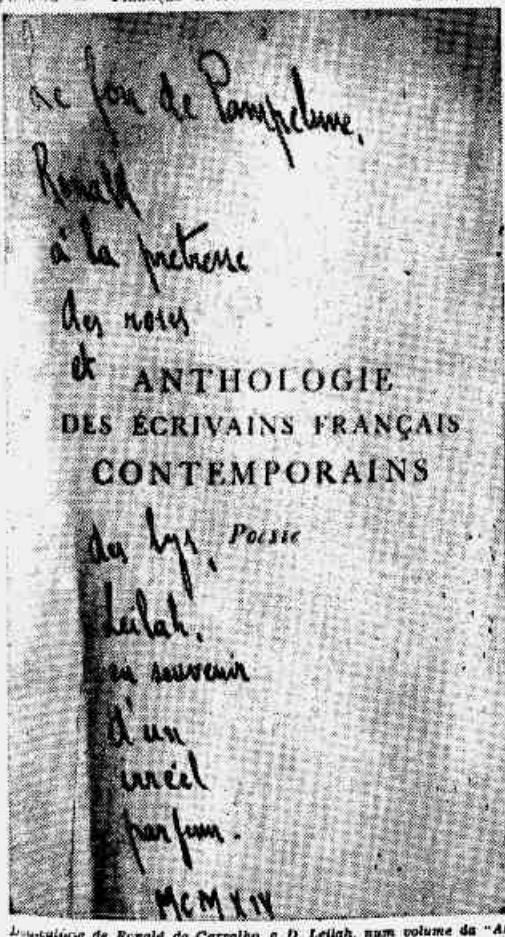
Depois...  
Sorris, agora, sorris..."

E aqui está ainda, a doçura gréga desses versos "orvalhados numa estrela" — versos tão formosos como os que foram mais formosos na língua portuguesa. Eis-lhos:

"Efêmero, a vida é bela!  
Irmão, eu fui feliz...  
Foi minha  
a água das fontes vibrantes,  
foi minha  
a uva de ouro da vinha,  
foi meu o pão cheiroso  
dos trigois.  
Eu sorri nas manhãs  
primaveris!  
Efêmero, a vida é bela!  
Vê como, sob o céu azul do  
meu país,  
é luminosa, leve, a pedra  
desta estrela..."

Al este como era permanente, obsessivo, nos "Epigramas Irônicos e Sentimentais", o sentimento da morte. E' possível, talvez, evidenciar o mesmo sentimento non outros volumes de versos de Ronald de Carvalho.

Mas isso é uma outra disquidão, que bem pode ficar para um dia futuro.



Lembrança de Ronald de Carvalho, a D. Letitia, num volume da "Anthologie des Écrivains Français Contemporains", de Gauthier Ferrière

# ALGUMAS POESIAS DE

## VIDA

Para um destino incerto caminhamos,  
Tontos de iaz, dentro de um sonho vão;  
E, finalmente, a glória que alcançamos,  
Nem chega a ser uma deslumbrar!

Levanta-se da sombra, entre altos rumos,  
Como um fumo a subir, lento, do chão,  
A distância que tanto procuramos,  
E os nossos braços nunca atingirão...

Mas um dia, perdidos, hesitantes,  
A alma vencida e farta, na mãos tateantes,  
De repente, paramos de lutar;

E no nosso olhar, cansado de amargura,  
As montanhas tem muito mais altura,  
O céu mais astros, e mais água o mar!

## V II

No alto dos morros boia a lua de ouro,  
O céu, visto de dentro de uma frança,  
Parece uma cratera de faiâncas,  
Chela de vinho espumarento e louro.

Choram as fontes no jardim deserto.  
A água, entre os juncos, lembra uma gravura  
Com arabescos sulis de iluminura,  
E ha sombras vaporosas no ar incerto.

E tudo estava assim, quando partiste.  
No céu distante, o mesmo vinho louro  
As errantes estrelas embragava,

E sobre os morros, trémula, boava,  
Como uma grande rosa, leve e triste,  
A mesma luta de ouro, indiferente...

## I

## VELHAS IMAGENS

Mulher! bolha de espuma, incenso leve  
Que rola no ar, arrizo que desliza;  
Poia de outono, cinza errante, brisa,  
Rosa fresca de um dia, sonho breve!

Forma suíl que a pena não descreve,  
Sombra das sombras, trémula, imprecisa;  
Luar, que as pedras brutas idealiza,  
Púmula ondeante, floéculo de neve...

Mulher! Quantos, airás do teu engano,  
Perderam, cum a esperança, as almas quietas,  
Então mudadas em raivoso oceano!

Mulher! Vento em cunção, nuvem que passa...  
Tão serena e constante, como os poetas,  
As miragens, as ondas, e a fumaça...

## DESTINO

Alma menino, disse-me, um dia,  
A voz oculta do coração;  
"Terás da terra toda a alegria  
Na tua mão".

Ah! duro engano, quem o diria!  
Louco de espanto, de inquietação,  
Só vi tortura, melancolia,  
No mundo vão...

Ouve, criatura de alma inocente,  
Ouve, e medita, porque não mente  
Quem isto diz:

Na vida, cheia de falsidade,  
Se quem deseja a felicidade  
Não é feliz...

## I I

Fortuna, por meu mal, me tem mudado  
Todo o prazer da vida em dissabores;  
Pois, onde ponho meu maior cuidado,  
Logo cia pôe tristeza e amargor.

Porque será que, em dianas, o meu Fado  
Vem converterte sempre? Acaso, Amor  
Sô traz doçura, quando desolado,  
Sô tem perfume, quando tem travor?

Mas quem será que um brando e leve crime  
Me fez pagar com penas dolorosas?  
Será Fortuna, mesma, que me opõe

A alma cheia de erros, ou serão  
Essas ondas geladas, caprichosas,  
Que andam boiando em vosso coração?

## I I I

## A UMA SENHORA INDIFFERENTE

Muda-se o claro dia em noite escura,  
A nevoa em luz suíl, que resplandece,  
E os campos doura, as sebes reverdece,  
E ente de azul sereno a imensa altura;

Muda-se em fina poeira a pedra dura,  
O botão em corola, a fulva mésse.  
Em trigo, a flor em fruto que apetece,  
E a tristeza das horas, em ventura.

Muda-se o doce arroto em onda amarga,  
O vento em calmarias, a esperança,  
De enganos leves, em pesada carga.

Somente você, por quem vivi pensando,  
Entre as coisas que sempre estão mudando,  
Não conheceste sombra de mudança!

## V

Junto das águas frescas, suspirosas,  
De manso arrivo, o louro Almeiro inclina  
A fronte, em febre, entre festões de rosas,  
Que um ralo de ouro, lúpido, ilumina.

Inclina a fronte, e pensa nas cheirosas  
Manhãs de prata e espuma, lângue e lama,  
Quando vinha das selvas misteriosas  
A música das fráulas, cristalina.

Tudo revê, saudoso; mas apenas  
Os olhos põe na fugitiva Ninfa  
Que as horas lhe amargara tão serenas;

Logo um nevoeiro os ares escurece,  
Logo se cala a suspirosa lama,  
E o claro sol do céu desaparece...

## V

Onde puserdes vosso Amor,  
Logo achareis inágua e tortura;  
A vida e feita de doçura  
E ao mesmo tempo, de amargor.

Andam, assim, prazer e dor  
No mundo vão, tão de mistura,  
Que separá-los é loucura,  
Sobre loucura, dissabor.

Mas é costume, infelizmente,  
Costume mau, de toda gente,  
Querer ventura sem travor.

Tomai, pois, tento, que, em verdade,  
Não veréis só felicidade  
Onde puserdes vosso Amor.

## V I

Quem teve à mão o fruto cobrado,  
Quem alcançou, bastando desçur,  
No lúpido triste o belo demorado,  
Na alma, o sonho feliz, o sol no olhar;

Quem abusou transpôs, como um Cruzado,  
Entre incêndios de iaz, num rebribilar  
De aços polidos e ouro derramado,  
Brandindo a espada chamejante no ar;

E' quem, dolente, e em reverência, agora,  
Toco se curva, pálido, Senhora,  
A fronte, e a gorra de veludo ao chão!

E' quem, sob a invencível armadura,  
Draio de tão cretina formosura,  
Sente tremor de medo o coração!

## V II

## DEPOIS DE LER A "VITA NUOVA"

É tão leve e gentil, ô minha Dama,  
Que, pelas ruas, quando os maiores saudam,  
Ficam na bocas, de repente, mudas,  
E os olhos ardem, numa inquieta chama.

Teu melindroso gesto assim derrama  
Tanta doçura sobre as coisas rudas,  
Que, em milagre do céu a terra mudas,  
Tu, milagre maior, que a terra aclama!

Tontos da tua lux, sonham, unidos,  
Entre súplicas, ris, gritos, gemidos,  
Os corações que Amor está movendo.

E em torno ao labo teu, como sita lira  
Que sedos invisíveis vão tangendo,  
Um mundo de almas trémulas suspira.

## V III

Enquanto a Primavera vai deixando  
Os fios de ouro na corola aberta,  
A esmeralda nas folhas, e, no ar brando,  
Aquele doce luz, pálida e inserta;

Enquanto os roseirais se enfiaram, quando  
O jasmimero, em cachos, descoberto  
Mostra a flor de marfim, e, ao vento, ondeando  
Toda a selva, em clarões, frene e desperta;

Enquanto o sol dardeja e o azul deslumbra,  
Meus olhos andam cheios de penumbra,  
E uma pedra me aperta o coração!

E' que, por tudo, sinto, num queixume,  
A enganosa ilusão do teu perfume,  
A tua voz, e o teu contorno vão.

## I X

Longo do teu olhar, a terra é escura,  
A flor não viga, as águas são pedrentas;  
As horas, de saudosas, são mais lentas,  
E amarga mais nas almas a amargura.

Longo do teu olhar, toda a doçura  
Dos campos foge, em brumas fumarentas,  
E a ventura da vida, que alimenta,  
Pouco e pouco se volve em desventura.

Ora, se a Natureza assim castigas,  
E se as coisas amigas e inimigas,  
Mergulha tua ausência em prantos e pris;

Que poderel dizer, então, da minha,  
Da minha natureza tão mesquinha  
Que teu olhar não ilumina mais!

## A ESPERA DO LUAR

Do bafejo de ouro, que um rosal incensa,  
Pelos árvores calmos, orvalhadas,  
Tus olhos, cheios de saudade intensa,  
Ainda procuram formas apagadas.

Dentro da sombra veludosa e densa,  
Os chorões se debrugam nas estradas;  
E pela noite azul, serena, imensa,  
As horas tombam lentas, sossegadas.

Enquanto o céu se enche de pedrarias,  
Soçam nos jardins as águas frias  
De um tanque, onde há tritões de umidos flancos.

E, ao fundo, longe, antes que a luna rompa,  
Ao som da avena rústica e da trompa,  
Descem dos montes os rebanhos brancos.

## TRANSFIGURAÇÃO

Quando o silêncio vai crescendo, quando  
O poente acende os lirios de marfim,  
As tuas mãos parecem pombas, vuando  
Na penumbras macia do jardim.

Como um cristal ressoante, vais passando,  
Com perfumes nostálgicos, por mim;  
E tuas braços, de um talhe real e brando,  
São dois pavões de espumas e de setim.

Súbito, é um caule ideal seu corpo esguio,  
Uma folha que esvoaça no arrepió  
Da ramaria ondeante dos chorões.

Mas, depois, vestes o ar de estranho luxo,  
E, numa resplandecia de clarões,  
Lembras a chuva de ouro de um repuxo!

## A ETERNA PREGUNTA

Deante da eterna dor, do mal insano,  
Não é muito a ventura prometida;  
Nô é muito uma vida, nem da vida,  
Onde será divino o ser humano!

Dentro da sanha dessa amargo oceano  
De miséria continua, repetida,  
Cada ilusão recorda uma ferida,  
Cada alegria traz um desengano...

Porque, meu Deus, essa tortura imensa,  
Essa noite profunda de descrença  
Em que as almas se agitam, com pavor?

Porque, Senhor, tanta revolta obscura,  
Nessa infeliz, humilhima criatura,  
Que tem medo de crer no seu Criador?...



Ronald de Carvalho, quando secretário de leitura

# RONALD DE CARVALHO

## AVATAR

Antes, a alma que tenho, andou perdida.  
Por que mundos rolou, que mão sul  
Pôs-lhe sobre fulgor, e estranha vida,  
Neste becoado de ouro e barro vil?

De cada árvore foi: verde jazida  
De nímos, sob o céu de espuma e asul,  
E tal grito de horror, na ave ferida,  
E na canção de amor, sonho febril!

Por desespero, sofrimento mudo,  
Onde, esperança que tortura e interna,  
E deusos de exsurgir, triste, de tudo,

Vou para chorar dentro em meu ser,  
A amiga maldição de ser eterna,  
E a dor de renascer, quando eu morrer!

## DEUS

A que terras sombrias e geladas  
Pode trazer, nos conduzir? Que florestas  
De árvores negras, solidões funestas,  
Guardei nossas almas torturadas?

Entre vias desesperadas, e entre festas,  
Depois de tantas ilusões faltadas,  
Na sucessão de noites e a voradas,  
Só tu, lúmenes horror, só tu, nos restas!

Só tu, lúmenes horror maravilhoso,  
Que não dás um minuto de repouso  
Ao nosso humano, estreito coração;

Só tu, figura pensativa e estranha,  
No alto da tua trágica montanha,  
Onde nem chega a nossa maldição!

## PO

"De onde vens, cavaleiro misterioso,  
No teu círculo de revoltas clinas?  
Que manhãs, e que tardes cristalinas  
Atravessaste, inquieto e sem repouso?"

Olhando, assim, no cimo das colinas,  
O vulto pensativo e silencioso,  
Os homens clamam, prelibando o gozo  
Das verdades eternas e divinas.

"Quem é o nosso Deus? A dor, a glória,  
O sonho, o amor? Que força transitória,  
Para a lusão, formou o nosso ser?"

E os homens viram, mudos, de repente,  
Uma nuvem de pô subir no poente,  
E o cavaleiro desaparecer...

## NO ALTO DA MONTANHA

A Rodrigo Otávio Filho

O homem medita... A sombra ondula, suavemente,  
Sobre a planície, longe. A voz das colinas, lassa,  
No ar da tarde, sutil, como um suspiro passa,  
Cresce, um pouco, e, depois, cala-se de repente.

O homem pensa: Ser bom! e, ao mesmo tempo,  
Um pássaro noturno as asas espessa  
De um pobre inseto esquivo, uma alta estrela traga  
Uma curva da luz no céu indiferente...

O homem escuta: O mundo acorda na sua alma!  
E o silêncio feliz da Natureza calma  
Não lhe ouve o coração, que se abre num só grito!—

E o homem levanta o olhar, e vê que anda por tudo,  
Mas montanhas, no chão, no mar, no espaço mudo,  
Essa tristeza imensa e vaga do infinito...

## CAMINHO ETERNO

Os homens vão as almas arrastando:  
Por abismos seu luz, e por estradas,  
Onde o sonho mais límpido e mais brando  
Logo se volve em sombras desoladas.

As mãos levantam no ar, e é sempre, quando  
As mãos levantam, tremulas, cansadas,  
Que outros caminhos surgem, serpenteados,  
No picarão de serras escarpadas!

Onde a felicidade prometida?  
A insânia que nos era para a vida  
Leva-nos, todos, para um bem ausente.

E, depois de andar tanto, que perduro?  
Um punhado de cinzas, e a amargura  
De ter andado tanto, inutilmente...

## I

Anoitece...  
Venho sofrer contigo a hora dolente que erra,  
Sob a lâmpada amiga, entre um vaso com rosas,  
Um festão de jasmim, e a penumbra que deseja...  
Hora em que há mais distância e mágoa pela terra;  
Tudo, sobre os chorões e as águas silenciosas,  
Redonda, a lua calma e sutil, aparece...

O rumor de uma voz sobe no espaço, ecoando.  
Mais um dia se foi, menos uma ilusão!  
E assim corre, igualmente, a ampulheta da vida.

Senhori! depois de mim, como folhas em bando,  
Num crepúsculo triste, outros homens virão  
Para recomendar a ruta interrompida,  
E a amargura sem fim de um mesmo sonho vão...

Nos dormentes jardins boleam asas incertas;  
Sobre os campos, a bruma ondela, devagar.  
Estremecem no céu estrelas sonolentas,  
E os rebambos, que vêm, na neblina lunar,  
Agitam molemente, ao longe, as curvas lentas  
Das estradas de esmalte, ao rudo som das frautas.

Anoitece...  
Fagulha ainda, no poente, a luz de alguns clarões,  
E, enquanto sobre o meu teu olhar adormece,  
Entre o perfil sombrio e vago dos chorões,  
Redonda, a lua calma e distante, aparece...

## V

Ac luar, os violoncelos, entre os choupos,  
Cessaram de chorar. A noite é mágoa  
Tomando em folhas tremulas, dos topois,  
Nos repuxos subindo, em plumas de água.

E assim, as mãos nas minhas mãos, errando  
Pelos rosais da estrada, num cenário  
De saudades, de sombras, e de mágoa,  
Vamos o velho tempo recordando...

E os violoncelos choram novamente,  
Ao luar, que banha o espaço solitário,  
Enquanto as folhas tombam no ar dormente,  
E o céu se estende de ouro e pratas de águia!

## BALADA

Amei as torres medievais,  
De pedra escura e muielada,  
Os plenários e os choupos;  
Porem, à Flor triste e fadada,  
Desque surgisse em minha estrada,  
Abandonei formas barbais.  
Pois, junto à vossa face amada,  
A vida é sombra, e nada mal.

Jardina dormindo entre rosais,  
Hora a tombar, fria e calada,  
Beijos que são como punhais,  
Não tem a graça fina e alada,  
Nem a volúpia demorada  
Que ao coração silenté dais;  
Pois, junto à vossa face amada,  
A vida é sombra, e nada mal.

Tudo que eu vi: Castelos reais,  
Galeras de prata armadiada  
Arredondando-se nos cais;  
Quilhas ferindo a onda encurvada,  
Olhos chorando na amurada,  
Tudo passou, venturas e aís,  
Pois, junto à vossa face amada,  
A vida é sombra, e nada mal.

Perdoai Senhora, esta balada,  
E os versos tremulos, mortais;  
Pois, junto à vossa face amada,  
A vida é sombra, e nada mal...

## Ronald de Carvalho -- José Maria Belo

Nenhum escritor brasileiro da geração surpresa para a vida de Ronald de Carvalho nos anos que imediatamente antecederam à grande guerra inspirou-me maior simpatia do que Ronald de Carvalho. Vindos da mesma juventude intelectual, inclinados ambos à mesma especialização literária, à crítica bem mais impressionista do que dogmática, facilmente nos compreendemos e nos estimamos. Por isso mesmo, acompanhei-o sempre com uma espécie de leitura fraternal, nas ricas discussões variadas da nossa vida. Tocou-me os seus formosos traços, como sei que o alegrou o momento de luxúria árdo da minha carreira de homem público. Hoje, que ele se foi para sempre, posso medir, pela extensão e intensidade da minha saudade, o afeito do coração e do carinho em que o tinha.

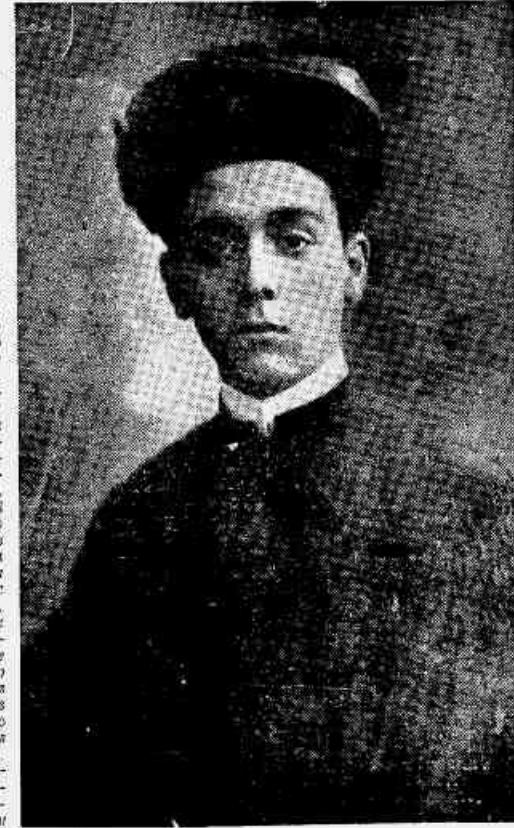
Luminoso Ronald! De todos os objetivos que justamente lhe posso ser prodigalizados, nenhum, creio, o definirá tão bem quanto este que lhe anteviu o nome. A excelsa virtude de Ronald foi sempre a clareza, que é a suprema expressão da inteligência. Na crítica literária, na poesia, nos ensaios vários de história e sociologia, por toda a parte, enfin, donde o levava a inacabável curiosidade, ele via com absoluta nitidez. Nenhuma confusão, nenhum erro de perspectiva; ao seu olhar iluminavam-se todas as paisagens pela sua primaveril do Mediterrâneo. A harmoniosa simplicidade da sua forma refletiu a limpidez da visão inferior.

Foi, essencialmente, um clás-

ico, no sentido do aticismo, Harmonia, greco, justa medida, um pouco de malícia que nele não chegaria nunca ao sarcasmo, sinal de íntimo sofrimento dos que não se conformam com o equívoco trágico ou burlesco da vida, eis as características da sua marcante personalidade.

Tendo-se alimentado como todos os intelectuais da nossa geração na dúvida e no ceticismo, mais cedo do que todos os seus companheiros, ele conseguiu libertar-se, alargando-a para além dos outros céus, se não mais claros, de certo, menos monótonos. A essência do seu classicismo, o seu próprio temperamento de tão sereno equilíbrio impediram-no naturalmente de perder-se nas nuances, como os seus sentimentos voluptuosos de artista, tantas vezes exaltados até a euforia, evitaram-lhe a tentação das mesmismos sociais. Sobre as colinas não da vida, sobre a inquietação dos homens, que encobre a terra de apreensões, angustias e desesperos sem nome, há um mundo de beleza eterna que sómente podem antevar as altas sensibilidades artísticas.

As tempos da radiana adolescência de Ronald este mundo continha-se nos velhos moldes renanianos e anatolianos. No entanto, no sorriso, no repetir indefinidamente os mesmos motivos de graça e beleza, estava o caminho único da sabedoria. O jovem crítico da pequena "História da Literatura Brasileira" era muito afirmativo e muito passional para susentar-se passivamente à amável servidão. (Continua na pag. seguinte)



Retrato de formatura de Ronald de Carvalho

# Alguns epigramas de Ronald de Carvalho

## INSCRIÇÃO

Nasce junto ao mar. Estrangeiro!  
entre palmeiras e montanhas.  
debaixo de um céu claro, puro, luminoso.  
Viram meu solche **as coisas mais belas que há no mundo:**  
**as mulheres, as ondas e as árvores do meu país**  
**[natal]**

Põe na estrela de um poeta amavel e melancólico  
a curva de louros que trazes na mão.

Guarda a tua oferenda!  
A vida me sorriu...

## RUBAYAT

Não perguntas quem encheu a tua alca,  
nem quem floriu o teu jardim de rosas;  
nem quem pôs agua nas tuas fentes,  
nem quem vestiu de arvores os montes.  
nem quem fez as horas doces ou dolorosas!

Vive, irmão!  
Vive, que a vida passa...

Canta!  
que a terra é fria e silenciosa...

## INTERIOR

Porta dos trópicos, tua sala de jantar  
é simples e modesta como um tranquilo pomar;

no aquáreto transparente, cheio de agua limosa,  
jardim polixos vermelhos, duradouros e cor de rosa,  
entra pelas verdes venezianas uma poeira luminosa,  
uma poeira de sol, tremula e silenciosa,

uma poeira de luz que aumenta a solidão.

Abre a tua janela de par em par. Lá fora, sob o  
céu do verão,  
todas as arvores estão cantando! Cada folha  
é um pássaro, cada folha é uma elgaria, cada folha  
é um som...

O ar das chácaras cheira a capim melado,  
a ervas pisadas, a baunilha, a mola quente e abafado.

Poeta dos trópicos,  
dá-me no teu copo de vidro colorido um gole dágua  
(Come é linda a paisagem no cristal de um copo  
[dágua])

## BUCOLICA

A manhã parece que nasceu do teu riso,  
do teu riso de passaro ou de fonte.

Vibram na tua voz trios dágua fresca,  
dágua que escorre por entre avenças e anombambas.  
E as tuas mãos são duas borboletas brancas  
voando sobre papoulas e tinhoreás,  
voando na luz da manhã.

## POESIA - Ronald de Carvalho

*A Natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no auge da nacionalidade, ate os áureos, no século XVIII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, os poetas cotidiano, os poetas e os poetas, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os italianos e os franceses da idade média, o color, a imaginação aterrávia, a grandiloquência e o apoio heróico imprescindível à musa épica. Preferimos a epopeia contada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo caçador, a intensidade sanguinosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Blac, por exemplo, no "Cacador de Esmeraldas", tão formoso e exímido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par das bandeirantes. Seu poema admiraível não traduz integralmente nem as condições trepidantes do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.*

*E certo que, nos seus versos, sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largura cíclica criada pelo motivo. Blac apreciou apenas uma face do heróiismo: a tenacidade ambiciosa. Via unicamente um aspecto no ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se, ali, principalmente descritiva. A semelhança de Blac, todos os nossos poetas épicos, desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto-Alegre, foram, sobretudo, descriptivos. O "Caramuru" e o "Uruguai" reclam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua erudição, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os reencontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, seem a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que no estudo das características. O heroísmo desaparecia ante a maravilha das paixões naturais.*

## NOITE DE JUNHO

O luar macio, macio como um beijo,  
brilha nas águas, estremece nas folhagens...

Há grandes rosas lívidas na sombra,  
lívidas como as tuas mãos na sombra.

Longo,  
tremula um clarão de fogueiras,  
longo...

O vento da noite balança as folhagens,  
desfolha os jasmuns, brinca nas trêpadeiras.

Noite de Junho...  
Há vozes brandas ecoando,  
longo...

O anel que tu me destes  
era de vidro e se quebrou...

(Noite de junho, rondas de antigamente...)

o amor que tu me tinhas  
era pouco e se acabou.

## VENTO NOTURNO

Volúpia do vento noturno,  
do vento que vem das montanhas e das ondas,  
do vento que espalha no espaço o cheiro das resinas,  
a exalação da mata e do mato virgem,  
das mangas maduras, das magnólias e das laranjas,  
dos lírios do brejo e das praias úmidas.

Volúpia do vento noturno nas noites tropicais,  
quando o brilho das estrelas é fixo, duro,  
quando sobe da terra um hálito, quente, abafado,  
e a folhagem lustrosa lembra o neó polido.

Volúpia do vento morne do verão,  
carregado de odores excitantes,  
como um corpo de mulher adolescente,  
de mulher que espera o momento do amor...

Volúpia do vento noturno em minha terra natal!

## TEORIA

Cria o teu ritmo a cada momento.

Ritmo grave ou limpidos ou melancólicos;  
ritmo de flauta degenerando no ar imagens claras  
de bosques, de águas mürmuras, de res...

ritmo de harpas,  
ritmo de broncos,  
ritmo de pedras,  
ritmo de colunas severas ou risinhos,  
ritmo de estatuetas,

ritmo de montanhas,

ritmo de ondas,

ritmo de dor ou ritmo de alegria!

Não esgotas jamais a fonte da tua poesia,  
enche a bilha de barro ou o cíntaro de granito  
com o sangue da tua carne e as vozes do teu espírito!

Cria o teu ritmo livremente,

como a natureza cria as árvores e as ervas rasteiras.

Cria o teu ritmo e criares o mundo!

## LITERATURA

Como são lindos os teus alexandrinos,  
que lindos são, solenes, elegantes...

"Sob o vivo clarão dos poentes purpurinos,  
Passam, movendo a trompa, os tardos elefantes".

São perfeitos os teus alexandrinos!

Mas como tem mais graça as asas dessa abelha,  
ou essa fulvida centelha,  
que turbilhona sem parar!  
Como são muito mais interessantes  
que aqueles negros, inutéis elefantes,  
esses pares de andorinhas que volteiam  
em curvas longas, lentas pelo ar...

Poeta, que lindos são os teus alexandrinos  
perfeitos, solenes, elegantes...

"Sob o vivo clarão dos poentes purpurinos,  
Passam, movendo a trompa, os tardos elefantes..."

## CHEIRO DE TERRA

Há versos que são como um jardim depois da chuva:  
deixam em nós a sensação da água caída,  
caíndo em bolhas tremulas da ponta das folhas,  
escorrendo da pele macia das pétalas,  
pingando dos galhos lavados, gota a gota, pingando  
no ar...

Versos que cheiram a terra molhada,

versos que são como um jardim depois da chuva...

## PEDAGOGIA

Ensinar a viver! Que fabula sem graça,  
que ingénua sensaboria!

Pobre novelo de fumaça,  
onda que passa,  
áqua sem rumo,  
redupla,  
redupla...

## ARTE POÉTICA

Olha a vida, primeiro, longamente, enternecida,  
como quem a quer adivinhar...

Olha a vida, rindo ou chorando, frente a frente.

Deixa, depois, o coração falar.

## DOÇURA

Voa e revoa  
folha do outono,

Sobe com o vento, rola no espaço, em ráo!

A vida é boa.

E é longo o sono,  
muito longo o sono  
e dormirás na sombra debaixo do chão...

## Ronald de Carvalho

(Continuação da pag. anterior)

acreditava que o jacto da intelligença não se apaga e, mais cedo ou mais tarde, desce para os caminhos. Sómente ela sabe construir as rotas encadadas. Os problemas do mundo e, especialmente, no Brasil resumem-se ao simples problema de direção de uma elite verdadeiramente jovem.

Imaginava, no transbordamento da sua alegria, uma espécie de República ideal, de poetas, de românticos, de socialistas e de filósofos. Eu sorria e ri da ideia. Iniciava-se para a juventude uma fase de violencia destruidora, em que o que não tinha fundão. Sóheid os nossos netos poderiam inventar a redenção que Ronald imaginava tão práticamente.

Foi o nosso último encontro. Não mais o reverei, não mais crearei lado a lado os tempos perdidos; não mais diremos em torno do futuro. Encerrou-se-lhe tragicamente a luminosa carreira. Só bem efêmeros os triunfos da vida para os altos espíritos como o seu. Que o Ronald ainda possa refletir-se, para os que o admiraram e o admiram, é uma obra de tão rara harmonia, uma preciosa consolação...



Ronald de Carvalho, no tempo em que escreveu a "Pequena História da Literatura Brasileira".



Um dos últimos retratos de Ronald de Carvalho

## ALGUNS POEMAS DE “TODA A AMÉRICA”

Ronald de Carvalho

## ADVERTENCIA

Europeu!

Nos taboleiros de xadrez da tua aldeia,  
na tua casa de madeira, pequenina, coberta de hera,  
na tua casa de pinhões e beirais, vigiada por filas de cercas  
paralelas, com trepadeiras moles balançando e florindo,  
na tua sala de jantar, junto do fogão de azulejos, cheirando a  
rosina de pinheiro e faia,  
na tua sala de jantar em que os teus avós leram a Bíblia e  
discutiram casamentos, colheitas e enterros,  
entre as tuas arcas, bojudas e pretas com lás fejudas e linhos  
encardidos, colares, gravuras, papéis graves e moedas rou-  
badas no inútil maravilhoso;  
dante do teu riso, mais antigo que as Cruzadas, desse tuo  
rincão servicial, que engorda brutas e carpas;

Europeu!

Em frente da tua paisagem, dessa tua paisagem em estendas, quintais, campanários e burgos, que cabe toda na bolha de vidro do teu jardim;  
dante dessas tuas árvores que conheces pelo nome — o car-  
valho do açude, o choupo do ferreiro a tília da ponte —  
que conheces pelo nome como os teus cães, os teus jumentos e as tuas vacas;

Europeu! filho da obediência, da economia e do bom-senso,  
tu não sabes o que é ser Americano!

Ah! os tumultos do nosso sangue temperado em saltos e dis-  
paradas sobre pampas, savanas, planaltos, caatingas onde  
estorram boiadas tontas, onde estouram bataques de cascões,  
tropel de patas, torvelinho de chifres!

Alegria virgem das voltas que o laço dá na corda verde,  
alegria virgem dos rios-mares, enxurradas, planícies cósmicas,  
picos e grimpas, terras livres, áreas livres, florestas sem lei!  
Alegria de inventar, de descobrir, de correr!

Alegria de criar o caminho com a planta do pé!

Europeu!

Nessa maré de massas informes onde as raças e as línguas se  
dissolvem,  
o tuoso espírito aspido e ingênuo flutua sobre as coisas,  
sobre todas as coisas divinamente rudes, onde bala a luta sel-  
vagem do dia americano!

## PUERLO DE LOS ANGELOS

O oleiro que desenhu a talavera,  
debaixo das torres da catedral,  
ouvindo os sinos sem ver o céu,  
pinta com os olhos ou com os ouvidos?

## XOCIMILCO OU O EPIGRAMA DA INDIA EXILADA

Ohei-me nas tuas águas, Xochimilco.  
Que águas poderão refletir-me?

# JAMMES e RONALD; dois conceitos de Natureza - Alonso Arinos da Mata França

Nestes últimos dias aproveitei algumas horas reiendo Francis Jammes. Não me levou a isto nenhum regresso aquele clima psicológico que Leon Moulin, no seu ensaio sobre o poeta de Orthez, chama de "amizade jammista". De fato pode-se falar de um laço intelectual e afetivo capaz de unir entre si duas criaturas que não se conheciam, mas que tenham de comum o gosto pelas obras de Francis Jammes, como também se pode falar em "amizade montaignista", para os devotos de Montaigne. Eu, que sou um deles, e que tive a dita de entrar para a Sociedade dos Amigos de Montaigne levado pela mão de Fortunat Strowitzki, hoje o mais eruditó e sagaz montaignista do mundo, já experimentei a curiosa sensação de receber cartas de sujeitos vagos, argentinos, holandeses, cidadãos de várias bandeiras, mas também róditos desta espécie de pátria espiritual que são os "Ensaios". Os colecionadores de selos, os amadores de rádio se cumprimentam através dos continentes. Os sócios dos Touring ou Rotarys se assistem por clima das fronteiras. Por que não se daria o mesmo entre grupos de intelectuais, atraídos por certa modalidade de espírito, que tivera encontrado sua expressão máxima em uma obra determinada?

Mas a verdade é que não foi o culto da amizade jammista que me conduziu de novo às páginas de hui muito esquecidas de Jammes. O jammismo, se existe, é uma posição sentimental e intelectual inopportunas nos dias que correm. Aquela descrença na vida, temperada pela fé em Deus; aquela ingenuidade virginal, ou quase, unida paradoxalmente a uma ironia raciocinada e experiente; aquela alma que é um produto de extremo polimento cultural, ligado no entanto a uma indefinível rusticidade campesina, são vozes amortecidas de uma França que não mais existe. São sombras do passado ou talvez do futuro, mas, em todo caso, sombras. Nem mesmo a poesia amorosa de Francis Jammes tem aspecto real hoje, quando dificilmente a paixão do amor tornará o caráter de sagrado egoísmo que a fazia ao mesmo tempo tão para e tão culpada. A ameaça dos mais graves acontecimentos, ou a sua confrangadora presença faz com que o mundo outrora isolado do amor se interpenetre com o mundo das mensagens radiofônicas, dos bombardeios, da contagem milimétrica das vitamina. As atrações de Honolulu, simbólo erótico da América, usam no pescoço não mais festões de flores, porem cintas de balas de metralhadoras. E a virgem nua de Francis Jammes, se assim se conserva até agora, não será para sentir ainda, na pele noturna, o fresco contacto das relvas e do orvalho, mas porque, apesar do inverno, os seus vestidos foram requisitados pelas louras autoridades de ocupação. Longe estão, pois, as raparigas, jammistas, cristalizadas pelo amor (para me servir da expressão cara a Stendhal), mas que sabem juntar as transformações que o sentimento impõe à personalidade com o realismo sensato do desejo. Virgens efétivas, mas que, como Ofelia ou Julieta, compreendem perfeitamente as alusões dos vivos madrigais que lhes são dirigidos, e sabem muito bem o que existe por debaixo das asas fechadas dos seus anjos.

O que me fez voltar a Jammes foi a procura de um conceito mais denso e mais representativo de Natureza. Conceito poético, e por isto mais verdadeiro. Na poesia contemporânea, o exasperado subjetivismo

tornou a Natureza uma projeção e um complemento do mundo interior, do poeta, e como este nem sempre se quer desvendar com clareza, o resultado que, nos versos de agora, a Natureza ficou também sendo uma coisa obscura e irreconhecível. De vez em quando a gente se causa desses ambientes de cratera de vulcão, dessas salas de laboratório, dessas assembleias espirituais e fica com vontade de abrir uma janela que seja mesmo janela, e que dê para uma terra humana, que seja mesmo terra, com as cores, os cheiros e as formas da vida, e não se confunda com as desoladoras paisagens de sádarios, ectoplasmias e raios ultra-violetas povoados por indecisos monstros, cujas coxas, ventras e seios (e muito poucas cabeças) turbinham arrastados no delírio das febres falacritadas.

O nosso Ronald de Carvalho era sem dúvida um participante da amizade jammista. Não creio que tenha conhecido pessoalmente o poeta, coisa que aconteceu com Ribeiro Couto, que o visitou em Orthez, e a cuja esposa Francis Jammes fez um presente bem jammista: um ninho de rouxinol com alguns ovinhos dentro. Mas embora não tenha conhecido, talvez, o poeta, Ronald foi dos seus verdadeiros amigos no Brasil, e soube-lhe diretamente a influência, pelo menos, nos "Epigramas Ironicos e Sentimentais".

Encontrai de novo na leitura de Francis James um contacto direto com o mundo que nos cerca, mas que tão a miúdo nos escapa, ou de que nos esquecemos a força de fazê-lo pano de fundo das nossas incertas fantasmagorias. Tive a saudável sensação de que percorria com os olhos, não as páginas de alguns livros, mas uma sequência de quadros de Breugel, ou de alguma outra que saiba adicionar, as formas e cores das coisas e dos seres, este complemento imponderável que se encontra dentro de nós mesmos. Poetas, estámos cansados de vós. Falamos um pouco também do mundo em que habitais.

## RONALD DE CARVALHO

# EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAIS

ANNUARIO DO BRASIL  
RIO DE JANEIRO

## Atualidade de Ronald de Carvalho

Paulo de Medeiros e Albuquerque

"Olha a vida primeiro, longamente,  
enternecidamente  
como quem a quer adivinhar...  
Olha a vida, rindo ou chorando,  
Urente a frente.

*Deixa, depois, o coração falar."*

Ronald de Carvalho com este epígrafe, intitulado "Arte Poética", resumiu, ou pelo menos tentou resumir, toda sua ambição de poeta.

Ditar o coração falar, falar bastante, enquanto a vida correse calma ou não, de qualquer modo. O que importava para ele era o coração, o sentimento. Achava que o poeta devia forçosamente se sentir preso de um modo firme à todo sentimentalismo. Creio — isso é uma opinião muito pessoal — que Ronald de Carvalho nunca poderia compreender em todos os extensos alunos de nossos modernistas justamente por esse motivo. Não havendo o sentimento — o coração — não haveria para Ronald a poesia.

Mas a atualidade de Ronald de Carvalho a que me quero referir, não é esta. O epígrafe acima citada, poderia ser subscrita por diversos poetas de hoje em dia. Ainda temos a um Manuel Bandeira, a um Augusto Frederico Schmidt, rascunhamente sentimentais, mesmo quando pretendem, erradicamente, dirigir sua poesia para outros pontos, pondo de lado toda forma imbuída de sentimento e procurando, dentro da arte poética, fazer uma análise fria de certos fatos corriqueiros.

Não quero me referir aqui ao que certa vez já chamei, a "poesia humorística do modernismo". Manuel Bandeira, autor de alguns poemas dentro dessa chara, me forneceu uma explicação mais ou menos razoável para isto. Se não concorremos integralmente, faze no entanto com que uma duração se levantasse e eu preferisse abster-me de comentar aquela forma de poesia.

Ao falar na falta de sentimento de certos poemas de Bandeira e Schmidt, quero me referir, isso sim, a alguns que por mais que procurasssem, não conseguiram encontrar o nordérico significado. Talvez este pensamento esteja muito de acordo comigo. Mas creio que não. Acho que a verdadeira poesia é mais do que uma simples interpretação pessoal. O poeta, ao comparar, deve se preocupar com os que mais tarde vão ler o que escreveu. É claro que não deve se sentir voltado exclusivamente para este lado, o que tornaria seu trabalho, mais de cronista do que verdadeiramente poesia.

Mas citemos um exemplo, com brecha de mestre Bandeira. A "Nietzscheana" do autor de "Poema do Boco", será mesmo um poema? O leitor poderá apontar todo o significado daquela composição e mais ainda, poderá achar ali o sentimento poético que Ronald de Carvalho pediu! Creio, sinceramente, que não. Poderá talvez dizer que poesia é um estudo de espírito. E foi em determinado estudo de espírito que Bandeira escreveu este poema. Mas para que o leitor alcance toda a beleza do mesmo, será portanto necessário que ele se encontre no mesmo estado. O que, temos forçosamente que convidar, é que seja impossível.

Não há aqui a menor restrição à obra de Manuel Bandeira. Ele apenas um exemplo, uma opinião pessoal. Creio que um poeta que nos deu "Poética", "Estrela da Manhã", "Poema do Boco", "Vou-me embora pra Pasargada", e tantos outros excenticos, creio que uma restrição como a que fago não parecerá nem de leve um acidente grande poeta que ele na real-

# Estudos de João Ribeiro sobre Ronald

## 1º. ARTIGO

### Os Poemas e Sonetos

Os — "Poemas e Sonetos" — de Ronald de Carvalho foram, não há muito, premiados pela Academia de Letras.

Semelhante recompensa bastaria para julgo definitivo da critica. A Academia não premia obras inteiramente vulgares. E estes poemas, realmente sem o mínimo favor, mereciam a distinção que lhes foi concedida.

O sr. Ronald de Carvalho é um espírito adiantado e progressivo. Os seus primeiros versos não parecem indicar que se elevasse ao nível das produções de hoje. E ei-lo que nos apresenta agora um livro de primeira ordem e que desde logo o coloca entre os melhores poetas da nova geração.

Não é, todavia, esse o único mérito dos seus poemas. Alguma coisa mais os separa e distingue da poesia contemporânea: e se podemos assim chama-lo, a vibração luminosa, o colorido esplêndido, nitido, quase gráfico e pintoresco, dos seus versos.

A objetividade segura, limpida das suas paisagens são verdadeiros quadros em que se revela suave e delicada observação da natureza.

Cuidamos ver tudo quanto nos retrata o seu pincel de valores e ritmos originais.

Dissemos que era ele um poeta pintor, escritor e artista que tirou das perspectivas certas preferências de ambiente, à maneira de Santiago Rusiñol, a um tempo escritor e artista que tirou das perspectivas dos jardins todos os efeitos arquiteturais da natureza.

O largo fundo é sempre o da natureza pura: o céu, o mar, a lua, as montanhas. Mas nos primeiros planos, encontramos sempre a mão do homem nos canteiros de rosas, nos festões de jasmim, na verda horizontal das relvas nos repuxos e, enfim, nas coisas criadas pela mão do homem:

Tudo está quieto: no ar apenas estremece,  
Com um longínquo rumor de lágrimas ou de prece.  
A pluma de um repuxo! E como a água resumba!  
No cofre de veludo espesso da penumbras!

Quase a mesma imagem vemos repetida adiante quando nela representa em vários lugares (págs. 14, 21, 22):

A noite é máguia.  
Tombando em folhas trêmulas dos topôs  
Nos repuxos subindo, em plumas dágua.

Essa arte elegante de aproveitar a natureza e a arquitetura, nas linhas e planos dos jardins e das paisagens urbanas, denota as preferências do poeta pela civilização e conforto das grandes cidades, onde o campo e a floresta perdem o que tem de selvatico ao mesmo tempo que aumentam o seu poder humano.

Dessa inspiração procedem os belos versos:

No alto dos morros boia a lúa de ouro.  
O céu, visto de dentro dumha franga,  
Parceira uma cratera de falange.  
Chela de vinho espumarento e louro.

Choram as fontes no jardim deserto,  
A água entre os juncos lembra uma gravura...

E tudo estava assim, quando partiste

E sobre os morros trêmula boiava  
Como uma grande rosa, leve e triste,  
A mesma lúa de ouro, indiferente...

Há talvez alguma monotonia de imagens e de idéias prediletas: as rondas as sombras, e as névoas e brumas que apegam-se, demoram a nitidez das linhas e das coisas. E' que o poeta por vezes se compraz na paisagem de outros climas. E' um pacifista europeu e do norte, onde a luz tem vibrações mais neutras e nenhuma violência.

As suas páginas lembram as de Rimbaud, de Samain, de Varnhagen, de Taillade e de todos os epígonos do genial Verlaine.

Entretanto, o nosso poeta não é um simbolista; e, antes das suas grandes qualidades a clareza é porventura a mais agradável e definida.

Lelamos algumas das suas composições, sem grande mediação na escolha, porque, em regra, são excellentes:

#### PASTORAL

O carro das vindimas, lentamente,  
Com as rodas de ouro e bronze bate o solo;  
Nos morros arde a púrpura do poente,  
Na sombra espâm ninhas de alvo colo.

Em derredor faz ronda a rude gente  
De ríos cornos, frauta a tiracolo.  
Sátiro, faunos; e, num bando, à frense  
Ménades brutas roncam contra Apolo!

Dos pampinos viventes rompem bagos,  
Nas âmfuras o mosto flavo ocela.  
Em reflexos metálicos e vagos:  
O ar embebeda as fontes, no caminho,  
E pela tarde tépida e tranquila,  
As águas, juntas, sonhaz que são vinho...

Consideramos esta soneto como um dos mais característicos da sua arte entre purissima e simbolista, e sempre inspirada em suave realismo.

A Noite de junho no campo — apresenta-nos em diverso ritmo a mesma delicadeza de tons:

A beira dágua, os canhões  
Tremem, com brilhos mortícos;

Há tons de prata gelada  
Na areia branca da estrada.

Nos campos úmidos anda  
Um perfume de levanda,

De folhas virgens e agrestes  
E de Magnólias silvestres

Trilam os grilos nas relvas,  
E os galhos rangem nas selvas...

Nos campos úmidos anda  
Curva, resplende o crescente:

E, sobre a água, entre os cabiscos  
Em leves brilho mortícos,

Na sombra azul, que estremece,  
Um novo céu aparece...

Há grande poder descriptivo nestes versos, musicais facéis e toavam consertados com admirável artifício.

Não falta contudo ao poeta a inspiração subjetiva, mas da alma que das coisas. E damos como exemplo deve apreciar um pouco distinto e alongado da sua inspiração comum o soneto — "Sombras que voltam".

Há grande poder descriptivo nessas  
Como na água de um lago transparente  
Uma indistinta, florâo fugace.  
Todo o passado, em ronda, suavemente.

E o juramento que se faz, e a face  
Que se beliou, chorando, docemente,  
E volta, palida (e antes não voltasse!)  
Tudo se ergue na sombra, de repente.

E são verdes, outunos, primaveras,  
Mares coalhados de astros e galerias,  
Tardes de prata, auroras de cristal;

E cidades que, longe, vão surgindo  
A beira azul de um golfo calmo e lindo  
Entre grinaldas de ambar e coral!

Os dois tercetos são demais! do descriptivos, conforme o tem multo explorado nas limitações de Berédia.

Ronald de Carvalho sofre de indecisões ou antes, de certas velharias que estamos longe de condonar, neste seu livro onde provavelmente quis oferecer uma definição das possibilidades da sua estética.

Há quase toda uma secção dos "Poemas" que traduz (muito raro com muita felicidade), o velho estilo petrarquiano dos sonetos de Camões (págs. 133 e seguintes).

Muda-se o claro dia em noite escura.  
A névoa em luz suítil, que resplandece,  
E os campos doura, as sebes reverdece,  
E enche de azul sereno a imensa altura;

Muda-se em fina poeira a pedra dura,  
O botão em corola, a loura messe  
Em trigo, a flor em fruto que apetece,  
E a tristeza das horas em ventura.

Muda-se o doce arroio em onda amarga  
O vento em calmarias, a esperança,  
De enganos leves, em pesada carga.

Somente vós, por quem vivi prendendo  
Entre as coisas que sempre vão mudando,  
Não conhecestes sombra de mudanças!

## 2º. ARTIGO

### A pequena História da Literatura Brasileira

Não há muitas histórias da nossa literatura. Do escasso e desprezado capítulo das histórias literárias portuguesas, saíram, ganharam certa independência os trabalhos gerais de Wolf, Varnhagen, Silvio Romero e José Veríssimo.

A contribuição de Varnhagen foi a mais erudita, a de Silvio a mais completa. Nenhuma é, todavia, definitiva; o ramo ainda vive apagado à árvore lusitana.

Falta ainda conhecer e fixar alguns pontos, esclarecer obscuridades ou resolver problemas até hoje sem solução ou razonável resposta. A obra de Gregório de Matos resta, na maior parte inédita; a das antigas academias é quase inteiramente ignorada.

Os materiais preliminares biográficos e bibliográficos accusam monstruosas deficiências.

A Academia de Letras caberá, talvez, a tarefa de documentar e formar uma coleção brasileira, onde sejam editadas e reimpressas várias obras hoje inacessíveis como o "Eustaquides", o "Diálogo das grandezas", entre as antigas, e as produções de Otaviano, Luiz Delfino, Pedro Luiz e tantos outros do nosso tempo.

Ninguém no Brasil, talvez, conhece os poemas latinos de Francisco Cardoso (um deles traduzido por Boaçage), e os outros dos poetas da companhia de Jesus que talvez se encontrem nos arquivos italianos.

Sem embargo essas grandes e pequenas falhas não poderão embarazar a perfeição de síntese das nossas histórias literárias.

A razão é simples: não há congruência na obra colonial que é toda de pedra ensossa, segundo aquela alvenaria a ciclopica e micenaca que dispensava a argamassa.

A galeria dos nossos maiores não acusa parcerenças nem de família. São todos zéfentos.

As sínteses, em tal caso, tornam-se possíveis e podem atingir a perfeição relativa.

A obra de Ronald de Carvalho é um exemplo magnífico.

Num capítulo preliminar interessante e substancial, o sr.

(Continua na pag. seguinte)

# de Carvalho

Ronald de Carvalho estuda a terra, o homem, o ambiente, a natureza e as raças, fatores da personalidade assas indecisa do tipo brasileiro.

“O Brasil (diz ele, em conclusão), representa sem dúvida uma terra nova de humanidade e é lógico que possua, como de fato possui, uma civilização mais ou menos definida, onde prevalecem, é certo as influências europeias, mas onde já se verificaram vários indícios de próxima autonomia intelectual, de que a sua literatura, já considerável e brilhante, constitue a melhor e mais decisiva prova”.

São palavras ansas que, de modo geral, correspondem à visão das coisas.

Em todo o período colonial e ainda até o romantismo, sofreu o influjo quase exclusivo das lettras portuguesas. Daí por que devemos diretamente da França ou de aliáres, o melhor da nossa inspiração literária. Magalhães, Almeida, Alves de Araripe, Cassiano Alves, Machado de Assis, quase nada devem à literatura coteja, lusitana. E por vezes lhe são hostis. Acreditamos até que não devem coisa alguma. Nos últimos tempos, por ex. Quirino, Guerra Junqueiro, fizaram alguns discípulos malvados, pouco mais que medíocres ou insignificantes.

Coleivamente, foram lidos com efêmera avidez; e ainda hoje se leem Camilo Castilho e Herculano, principalmente por amor da língua, e como refrigerio oposto às intempéries dialetais.

Ninguém todavia, neles se inspira.

Esta circunstância denota, e deixa verificar, sem contestação, a autonomia das nossas lettras que obedecem, há meio século, à atração de fontes mais remotas no tempo e no espaço.

Todora independência da literatura será, entretanto, coisa interessante, enquanto se preservar a unidade da língua.

A língua, em todo o caso, é o fator predominante, o mais precioso e absorvente.

Não é possível contrastá-lo com as condições regionais, sempre secundárias.

Ne que respeita a Portugal e ao Brasil, é falso presumir, o prejuízo de um diminuir com a autoridade do outro. Talvez em meados de um século, as lettras portuguesas parsem a tributárias da literatura americana.

Essa inversão que parece absurda ou difícil, ficará explicada suficientemente pelos índices estatísticos e económicos, desse ou em definitivo desequilíbrio, entre os dois povos.

“Numeras regiões”.

Fazia muito é recordar a situação respectiva da Inglaterra e dos Estados Unidos; os dois impérios são, ainda agora, igualmente muito grandes.

Retiramo-nos já se vê, à literatura dos nossos dias, pois que sempre existirá o perene culto dos antigos clássicos, elementar compensador das diferenciações inevitáveis.

No livrinho de Ronald de Carvalho temos uma síntese mais de que muito satisfatória dos quatro séculos, mesquinhos e artificiais da nossa incipiente literatura nacional. São poucos os nomes de valor, e, numerosos, os da mediocridade letitra da época colonial. Do romantismo, porém, datam as primeiras expressões de originalidade.

Desses recursos, ainda imperfeitos e incertos, compõe Ronald de Carvalho uma síntese elegante.

“A Pequena História da literatura brasileira” — (diz McFerran e Albuquerque, que prefacia a obra) é pequena no nome, de fato, e um grande livro”.

E realmente bem estudado, em todas as suas partes bem compostas, e não sabemos de outro que lhe leve vantagem na apresentação, nos juízos, na distribuição das matérias e na interpretação da nossa história literária.

Pois é que este preciosíssimo livro, de pequeno e agradável formato, se acha impresso em “papel de guerra”, enlameado de muitas nodosas que contrastam com a elegância substancial do texto. Por si mesmo seria a moeda de Vespasiano.

O capítulo II (“Poesia e lendas populares”), merece mais cuidada revisão quando for reimpresso o livro; e assim, a notável preliminar, de idéias gerais acerca da terra e do homem, o qual, entretanto, é já assas informativo e curioso.

Não seria anotação estéril repetir e apontar que os antigos escritores, inéditos em seu tempo, como Gregorio de Matos, Fr. Vicente de Salvador e muitíssimos outros, pela sua mesma qualidade de quase desconhecidos, não influiram nem poderiam influir nas garações imediatas e nas seguintes. A falta de conexão em corrente literária é o caráter mais grave da literatura colonial. Todos, ou quase todos os seus representantes, são descontinuados e sem contacto. Ligam-se à metrópole e com ela se entendem, mas entre si se ignoram. Essa falta a continua de compromete a própria história, que passa a existir idealmente pelo frágil nexo abstrato da cronologia. Uma vem após outras, gênios solitários e incomunicáveis, e vão sem continuidade nem discípulos.

A nossa história literária começa, em vigor, com os românticos, e a conceder muito, com os últimos arcades. Contudo, não podemos omitir ou deixar em silêncio os ensaios fragmentários e epopeíticos que marcam os pródomos da cultura americana.

No livro de Ronald há palavras de justiça para B. Lopes, o poeta pitoresco, quase esquecido, e, não raras vezes, homenageado pela fantasia e colorido dos seus quadros.

O que o nosso historiador diz de Luiz Guimarães é muito pouco quando se considera o muito que escrevem acerca de Trólio, Dias...

E nem se explica o silêncio a respeito de nomes como os de Luiz Dellino. São defeitos de propriedão, sanáveis em qualquer tempo.

Apesar disso, a “Pequena História da literatura brasileira” — e sob alguns aspectos a mais completa que possuímos.

# A família de Ronald de Carvalho



D. Leila de Carvalho, rainha do grande escritor.



Os quatro filhos de Ronald de Carvalho — Artur, Fernando, Tomaz e Raul. A poligrafia lhe fez ainda em vida da escritor.

## Atualidade de Ronald de Carvalho

Paulo de Medeiros e Albuquerque (Continuação da pág. anterior)  
lidade é. Talvez seja mesmo melhor declarar logo que o considero um dos nossos maiores poetas contemporâneos, bem assim como Augusto Frederico Schmidt e que esses pequeninos nados são interamente encobertos pelo restante da obra.

Mas voltemos a Ronald de Carvalho. A grande atualidade do autor de “Epigramas trônicos e sentimentais” está no sentimento pan-americano que lhe com que ele escreveu o “Toda a América”.

Aí encontramos, a todo passo, poemas que hoje poderiam ser repetidos sem nenhum desdouro, com toda oportunidade. Vejamos como exemplo o primeiro, a que ele deu o nome de “Advertência”:

“Europeu!  
Nos laboreiros de zudrez da tua  
aldeia,  
Na tua casa de madeira pequena,  
coberta de hera,  
Na tua casa de pinhões e de  
cristais, vigiadas por filhas  
de cercos  
paralelos, com trepadeiras moles,  
balançando e flo-  
rindo.”

E nesse mesmo tom ele vai seguindo até chegar à adverte-  
lência final:

“Europeu! filho da obediência,  
da economia e do bom-senso,  
Tú não sabes o que é ser Ameri-  
cano!”

“Alegria de inventar, de descobrir, de correr!  
Alegria de criar o caminho com  
a planta do pe-  
Europeu!

Nessa maré de massas infor-  
mes, onde as ruas e as  
linhas se dissolvem;  
O nosso espírito áspero e inge-  
nho frutua sobre as coisas,  
sobre todas as coisas divinamente  
rudes, onde doa  
a luz selvagem do dia  
americano!”

E o canto da América, vindo  
do coração de um poeta. Aquele mesmo sentimentalismo que  
ele pedia no seu epígrama, está  
aqui em toda sua força. E, ao  
lado disso, trabalhando forte-  
mente, um problema: unificar a  
América, transformá-la num só  
todo, distinto da Europa.

O canto de Ronald de Carvalho, não se refere apenas à literatura que ele queria diferente como elemento que foi preponderante do movimento modernista. Não. Ele queria mais. E foi por isso que cantou o Brasil em versos tão belos, tão fortes, que ainda hoje ressoam de modo estranho a nossos ouvidos:

“Mas o que eu ouço antes de tu-  
do nesta hora de sol puro  
palmas paradas  
pedras polidas  
claridades  
brilhos  
faiscas  
cintilâncias  
é o canto dos teus bercos. Brasil,  
de todos esses teus bercos  
onde dorme, com a boca escor-  
rendo leite, moreno, con-  
stante,  
o homem de amanhã!”

E cantou mais. Falou de Trí-  
nidad, Ilhas de Barbados, da  
Broadway, de Buenos Aires, do  
México, de Guadalajara. Toda a América desfilou através dos  
poemas de Ronald. Ele soube sentir como ninguém que era-  
mos diferentes. Soube mostrar  
nas mais puras formas de poesia  
um amor tão entrañado pelas  
coisas americanas, que se  
mantém até hoje em dia, como  
o poeta da atualidade.

No terceiro poema de “Toda a  
América” ele fazia uma pergun-  
ta que até hoje está mais ou me-  
nos sem resposta. Ele queria  
saber:

“Onde estão os teus poetas,

América?  
Para terminar afirmando no  
tom de mais profunda convic-  
ção que:

“América, teus poetas não são  
da sua raça de seres que  
dançam no compasso de  
gregos e latinos!”

(Continua na pág. 283)

## 3º. ARTIGO

## Estudos brasileiros - SEGUNDA SÉRIE

Ronald de Carvalho — "Estudos brasileiros" Rio — Briguié & Cia. — Editores.

Estão na segunda série os magníficos "Estudos brasileiros", livros de crítica serena e repousada. Nele não se percebe a bafra dolorida do bibliógrafo profissional, mais ou menos obrigado à escravidão do "vient de paraître".

Ronald de Carvalho escolhe, ele próprio, os temas que aconsam sempre a simpatia ou a admiração do escritor.

Essa agradável circunstância tira-lhe talvez a oportunidade que seria inevitável de exercer os rigores da verdadeira imparcialidade. Que importa? a simpatia tem os seus verdadeiros tons e maliza que nos encantam e nada mais encantador do que vê-la no convívio dos espíritos que mais a comovem e a inspiram.

Grande poeta, e poeta novo, segundo a última expressão de nossa poesia, toda a gente antevê o carinho com que fala de Guilherme de Almeida, Felipe de Oliveira e Raul de Leoni.

Grande crítico e pensador é de braços abertos e com efusivas palavras que nos fala de Agripino Gricco, de Renato de Almeida, Tristão de Ataíde, Mário de Andrade e desses não esquecido, mas raro nas suas intermitências Tristão da Cunha.

No seu "Caderno de Imagens" vemos o perfil de Alvaro Moreira o delicioso poeta dos "pequenos instantes", o falcador de pedras preciosas, que, como diz Ronald, "plagiou o Rio de Janeiro, soturno de três séculos de crônicas murchas".

E' realmente extraordinário o poder do retratista quando para exemplo nos desenha a figura de Tristão da Cunha que "à guisa dos grandes amores que sempre se queixam de amor ele que é um dos nossos mais atilados leitores, condene, melancolicamente, os livros".

E' que os livros só lhe dão uma parte mínima da sua literatura interior. E este é o que mais lhe é melhor.

Em Agripino revela Ronald de Carvalho, o engenhoso das Imagens e a poderosa veia sarcástica, mas esconde uma revolta anti-académica generalizada que rosalha por injustiças cruas. Há muita alusão nessa carranca poética na Itália, as cidades pequenas parecem grandes pelo vociferar astionero dos transseuntes. No fundo creio que Agripino guarda uma alma silenciosa e suave de artista.

O que Ronald nos diz de Graça Aranha, e da sua um pouco falha "Viagem maravilhosa", as suas referências a Manuel Bandeira, a Ribeiro Couto e a Renato de Almeida acha inteira ressonância no juízo que fazemos daqueles grandes espíritos, com pequena divergência de semi-tonos num caso ou no outro.

Donde concluímos que os "Estudos brasileiros" seriam nossos, do crítico, se pudéssemos elevar-nos à altura, à serenidade e à beleza" de páginas tão suntuosas.

Sempre acreditamos no Brasil novo, não sem queixume dos que tem a mesma certidão de idade nossa; acreditamos com verdadeira e sincera fé que não necessita de céus de alcance para iluminar no horizonte os que nascem e já se adiantam para o zenite da glória.

Os "Estudos brasileiros" formam um complemento essencial às histórias da nossa literatura; é um livro e é a crônica contemporânea dos novos.

A maior curiosidade que nos despertaram os "Estudos brasileiros", foi a crítica do último romance de Graça Aranha.

Ao nosso fraco e desautorizado parecer, Graça Aranha não foi um romancista e quase o não podia ser. Faltava-lhe o dom de condensar as ideias ou o de expressá-las sem os excessos da amplificação e da ênfase. Foi e era demasiado grave para o romance.

Graça Aranha era um filósofo, um pensador transbordante que dificilmente se deixaria compreender no gênero épico moderno, como é o romance. Exercia involuntariamente a medida do gênero e reduzia todas as personagens a um só que era ele próprio, isto é, o autor.

Todas as figuras do drama são um só "raisonneur".

Artesce que a sua doutrina do "terror cósmico" favorecia mais a pintura esplêndida da paisagem do que a psicologia das personagens, meios pretextos de ideias, agora revolucionárias salvadoras da pátria já cansada de tantos que tem aparecido a aplicar a suspirada redenção "mumu militar".

O romance é a vida e não uma filosofia. E' certo que na "Viagem maravilhosa" há centos de amor, e, até o amor consegue resolver o problema precliffe do "terror cósmico". Mas, o amor vence tudo, todas as transcendências e todas as trivialidades; certamente não era de mistério engenhar um corpo de doutrinas para chegar a esse resultado, animal, selvagem e humano. A estatua elevada a Philippe desafia-se ao menor sorriso na sua eterna fragilidade de figura de museu ceroplastico. "Canga", a sua graça de seu éxito de livraria e de suas numerosas edições também não é um romance, mas um pretexto filosófico para algumas ideias gerais.

A grande obra de Graça Aranha é e será a agitação das suas ideias, reveladas aqui e ali, em todos os seus livros. Dessa qualidade essencial é que se ha de extrair, mais tarde, um livro de apóstolos, de sentenças gnómicas, que sintetize o espírito do grande escritor que ele foi apesar da natureza arritmica de seu temperamento.

A nossa desilusão provem das nossas problemáticas riquezas que por equívoco são exageradas desde a escola e por isso diz com razão Ronald de Carvalho: "Quando nos penetrarmos do sentimento do real, toda essa metafísica da felicidade brasileira desaparecerá".

Não aprendemos ainda a ver, cousta difícil mesmo para os pintores que vivem a educar a vista.

Iudim-nos com as "reclames" que fazemos de tudo que é nosso. Essa é a nossa tragédia que Graça Aranha atribui ao ilebli espírito de Philippe. O nosso metro retórico precisa ser diminuido de oitenta centímetros. Um palmo é já medida bastante para as nossas perspectivas.

Philippe com ser um rebeldes ainda mais acrescentava as novas possibilidades. Foi bem que o amor fizesse desamorar toda a sua errada metafísica de patriota.

## 4º. ARTIGO

## Estudos brasileiros - TERCEIRA SÉRIE

Os "Estudos brasileiros" — revelam nesse admirável poeta e inigualável prosador, não só a extensão de sua invejável competência diplomática e histórica, mas ainda a simpatia com que se delecta aos assuntos americanos e especialmente brasileiros.

O livro abre com uma série de capítulos sobre a legação imperial do Brasil em Londres e a mediação inglesa na guerra da Crisplatina. Havia razões geográficas para que incorporasse ao Império a banda oriental limite extremo pelo rio da Prata; as razões políticas para essa integração eram mal compreendidas e deturpadas por uma desconfiança mítica indestrutível. O gênio espanhol era o inimigo tradicional do português, e o Brasil reino ou império, colônia ou estado independente não gozava de simpatia entre os povos do sul. Ainda hoje restam vestígios dessa injusta prevenção.

Neste livro assistimos aos esforços do ministro Gaetano Visconde de Itabaiara para vencer as atitudes da política britânica favorável à independência platina. Essa política liberal astava-se da Santa Aliança e não favorecia os interesses da recolonização. Para ela, o Brasil de Dom João VI, como o de Pedro I no primeiro quarto de século, era uma recolonização disfarçada, ou pelo menos pouco alterada. A imigração da família real fora obra inglesa e ato da sua política anti-napoleônica; mas parece que a Inglaterra não desejava ir adiante disso e, em caso algum, favoreceria a expansão portuguesa na América. E' possível que pensasse em reservar para si o domínio e influjo no Rio da Prata, como em todos os estreitos, e em todos os caninhos possíveis para o seu comércio e poderosa quadrilha.

Ronald pinta-nos com singeleza a tenacidade do nosso ministro Itabaiara junto a majestade britânica e recorre a expedientes vários ou os sugere propondo tratar com a Espanha a posse da Crisplatina. Mas o seu plano, diz o nosso historiador diplomata, "foi a sua melhor ilusão".

Pouromby mandado ao Rio para apresentar as idéias e a intervenção de Canning, foi destinado a dissipar as últimas divergências. E de tal arte, que a Ronald parece que não foi o revés problemático de Ituassu, mas a diplomacia inglesa, a verdadeira causa e razão da independência uruguai.

Em "Passo do Rosário" faltavam às nossas tropas o fator moral que, segundo Tasso Fragoso, foi o elemento decisivo da nossa momentânea Iraqueza. Não queríamos a guerra; achávamo-la antipática e incapaz de excitar o nosso entusiasmo.

Quando o insucesso militar se consumava, já a diplomacia tinha ganho a sua decisiva batalha.

Já a esse tempo as guerras dinásticas eram intoleráveis.

Não são menos interessantes o capítulo do livro de Ronald que se intitula a "Diplomacia secreta de Montevideu e os problemas da guerra do Paraguai". O "memorandum" que em seguida se inserte de José Vazquez Sagastume mostra a absoluta cegueira desse plonial que em vez de clarividente nos parece agora um intrigante. Mas seria excessivo atribuir-lhe um prestígio que não tinha no curso dos acontecimentos já muito adiantados e irreprimíveis. A intervenção do Brasil teve pelo menos dois resultados remotos: a libertação dos escravos e a abolição da unica monarquia na América. A guerra, pelo menos, apresentou-lhes a solução.

Não prosseguiremos na análise dos "Estudos brasileiros" porque são todos eles dignos de Língua atenta pela serena erudição que encerram e pelo amor do Brasil que é uma das notas constantes da prosa e da poesia de Ronald de Carvalho.

Ou — "Estudos brasileiros" — fazem parte como terceiro volume, de uma série de crítica, de história e de literatura sobre temas nacionais ou de interesse nacional.

Distante, nesse momento, da pátria é natural que hoje mais rekreiem a paixão e a atividade de grande e erudito escritor.

("Jornal do Brasil") — 30-5-31

## Atualidade de Ronald de Carvalho

(Continuação da pág. 287)

Creio que hoje Ronald de Carvalho deveria ser um pouco mais lembrado do que tem sido. Aquela inteligência lucida merecia uma memória mais respeitosa e sobretudo mais constante.

Foi o grande cantor da América. E como tal deveria ser lembrado. Seu livro, muito mais do que folhetos de propaganda, conferências e todos os outros, forma uma obra panamericana, servindo para que sintam que este continente deve ser um. Deve ser reeditado, distribuído profusamente. Seria a melhor propaganda entre os intelectuais e aqueles que sentem e entendem a poesia.

Ronald de Carvalho conseguiu uma coisa difícil: dentro de ótimos versos, poemas soberbos, difundir uma ideia generalizada. Propaga-la. Não mais um canto individual e sim uma ideia lancada. Unido de países por meio da poesia.

Que diferença dolorosa entre a poesia de Ronald de Carvalho e a de certos poetas de nossos dias, que preferem refugiar-se, criando em sua volta um ambiente hostil a tudo que se refere ao mundo, dentro de si mesmos, individualizando a poesia e tornando-a compreensível apenas a um grupo muito limitado. Segundo a estrada de Ronald de Carvalho, compreendendo o mundo e fazendo com que a sua poesia tenda para que se processasse uma maior compreensão, se veja um: Augusto Frederico Schmidt. Os outros, com altos e baixos.

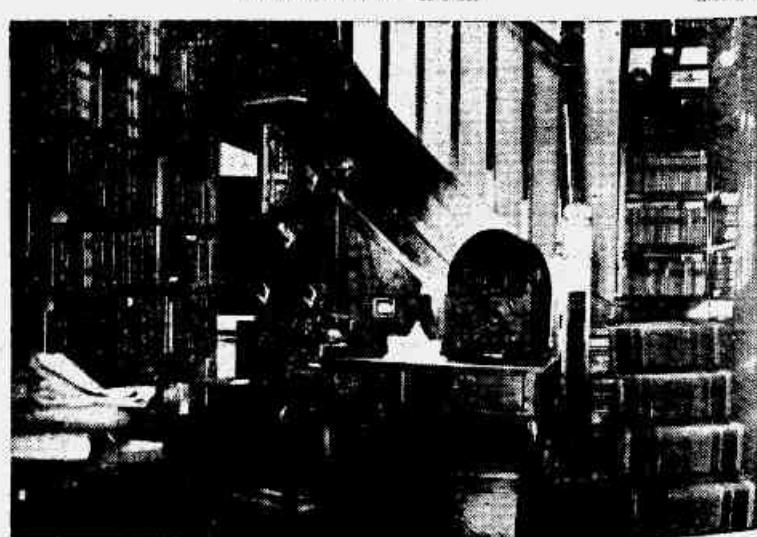
Há modernistas que ainda preferem contar histórias, cravar poemas incompreensíveis, defendendo o que se passa pelo mundo. Que o exemplo de Ronald de Carvalho lhes sirva para alguma coisa. Que eles sintam o mundo dentro de si e não procurem mais individualizar a sua poesia.

E certo que a poesia é um estado de espírito. Mas no momento que afrescamos, seja que apenas em Schmidt este estado de espírito se encontra em relação com o mundo. Ninguém mais sente então as angústias que os poetas atravessam?

Não creio. Pensa, que o que existe atualmente dentro da nossa poesia é um egoísmo irreconciliável. Não falam nenhuns com um sentido universalista. Têm apenas individualidades e mais nada. Algumas desce, em casos especiais, uma noite ou outra e se voltam para os problemas do mundo. Mas recentemente amedrontadas. Não há coragem que Ronald de Carvalho teve.

E eu ainda fico a me perguntar com o poeta, doloritamente, quase sem esperança de ver alguma coisa:

"Onde estão os bons poetas da América?"



## PALAVRAS DE GRAÇA ARANHA NUMA FESTA A RONALD DE CARVALHO

Oração proferida na Testa  
elegerida a Ronald de Carva-  
lho pelos intelectuais brasí-  
leiros, em 13 de maio de 1923,  
na Lapa.

Por um pensamento de poeta  
este de trazer à festa do Poeta  
o natalismo do Mar e o des-  
lumescimento do Sol. Em se-  
gundo momento poderíamos si-  
tuar no final a figura de Ronald  
de Carvalho do que o destino  
primo exalodin e ardente. Ele  
percebeu eventualmente dessas li-  
nges infinitas aquas e destas  
“águas secas”. Não é ele um  
pensador, mas um poeta.

entusiasmo do Mar e o desbravamento do Sol. Em nenhuma aventure poderíamos situar melhor a figura de Ronald de Carvalho do que o desto prado exaltado e ardente. Ele permanece eternamente dessas histórias e infinitas águas e destas "mágoas". Não é ele um raro do sol que se fez poesia, um vento que se fez pensamento perpétuamente movel? E por isso a sua aparição entre nos deve ser encantadora encanto de uma visão do Universo. Quando a poesia brasileira se estabeleceu no mais frio acadêmico, no exílio ritmo formalista e era-se aplastava da natureza desvinculando-a, ignorando-a, ora se comprazia na transfiguração artificial de ritmos outros, ora procurava exprimir a extensão da natureza e era uma poesia de gestos, em poesia surgiu cantando e dançando, ora se comprazia na memória da luz e inconsciência universal e a consciência humana em nossa brasileira. Esta pura espírito, este poeta fascinante, o rei Ariel, este Ronald de Carvalho exprima no próximo poema o grande segredo da morte e o da vitória sobre a morte.

é preciso vencer o terror e a sua mediocridade, ser um com o Todo, um domínio e dar-lhe a sublime expressão. Ronald de Carvalho teve a magnífica proclamação de ser o libertário amado do Universo. Este homem de liberdade, ele a fez, a cada instante nos seus poemas e nos seus pensamentos, que são atos de liberdade.

A morte não está somente na quebra dos moldes nas mutações da forma. Pela sua substância da interpenetração e do sentimento. E a morteira do espírito atinge-se num cidentalismo, em que a Poesia é infinita no Universo.

transfigura-se, e a Luz se Homem imaginá-se, é o Ideal. A Dor transfigura-se, é a Ilusão. O Amor realiza-se, é Magia. A Vida exalta-se, é Alegria!

A poesia de Ronald de Carvalho é a da Transfiguração.

<sup>3</sup> Unidade infinita do Universo lho é a da transfiguração.  
se revela e é a razão do pensamento e da arte. A libertação sua liberdade subjetiva não se detém diante da deformação.

signo da libertação imaginética que da nos objetos e aos sentimento a inversão reveladora da essência transcendente dos seres.

Nesta libertação há fatalmente uma construção e Ronald de Carvalho é um dos construtores espirituais do novo Brasil. Por ele e pelos seus companheiros se formará uma sensibilidade diferente da que até agora animava a terra. Deixaria o Brasileiro de ser o lirico da tristeza para ser o efador da perpétua alegria.

Pelo gênio desses poetas livres o Brasil cessaria de ser o ambiente da elegia para inspirar os acordes do hino dionisíaco à força, à beleza, à alegria de nascer, que aqui sorri na irreprimível germinação da vida maravilhosa. Aquelas que temiam ver nas ardentes e luminosas poesias destes eruditos a penumbra, são regos de nêmesa eternamente abismados nas trevas.

A renovação que acentuadamente se faz nestes últimos meses é o fato mais curioso de nosso país. Há alguma coisa de novo que transforma o espírito nacional e foi lógico que a iniciativa coubesse à Arte. E pena arte, unida em todas as suas expressões, que começa a transfiguração da alma brasileira. E' a música transcendente, sublime de Vila-Lobos, a cultura magníficiente e vibrante de Brecheret, a poesia livre e mágica de Ronald Carvalho, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme Almada, Sérgio Milliet, Tácio de Almada, Bibeiro Couto, pintura audaz e real de Antônio Malufi, o romance hiperrealista de Oswald de Andrade, a vibração febril de Menotti del Picchia, e ainda a arte no pensamento agudo de Renato de Almeida e Couto de Barros. Outros virão, outros ferão o gosto de novas descobertas de mundo.

de desprendem as vestes do passado e transfigurarem-se na Luz do Futuro. Compreenderão que o Futuro é o nosso criador. São não homens de nosso tempo, na palavra, no traço, na língua.

conhecidas trazidas pela obscura e irreprimível evolução das idéias. Esta é a metafísica da Arte Moderna, e neste sentido ela é gloriosamente "intuitiva".

Seja qual for a sorte do movimento, a realidade é que a inteligência brasileira tem de contar com ele para a sua as-

# A SABEDORIA DO ERRO

Ronald de Carvalho

*Para compênsar as dificuldades, os rigores e as rudesas da verdade, criada por Deus, talvez para alingá-la, o homem, por culpa do seu Criador, que deu um livre arbítrio caprichoso suíl, inventou o erro. E' esta mesmo a sua única intenção amarela e duradoura. Amarela, porque lhe lisonjega a verdade, duradoura, porque lhe lisonjega a verdade.*

**A verdade**, segundo os deute-  
res, é inflexível, cada nos dados  
restritos de uma definição.  
embora esses dados por si mesmos  
não possam ser definidos. A  
verdade é tudo quanto deve-  
ser; é a ordem, o bem, a perfei-  
ção, a serenidade, o amor. A  
verdade é o invariável, o inde-  
clinável, a suprema beleza e a  
suprema força, acima de todas  
as contingências. A verdade,  
portanto, o próprio Deus. Ora,  
o erro é o perpétuo movimento  
das coisas, é a apariência for-  
mosa da contingência univer-  
sal, é a imagem dos nossos sen-  
tidos, é o momento falso, que nos

seus, a oportunidade passa  
para que nos deslumbrá. O erro  
é o modo por que cada um de  
nós nos manifestamos, é aquilo  
que, sem ser definido, nos des-  
tina, é força que sublima seu  
magnor, e responde que não é  
porque não dar. O erro é o  
frenzilório, o indeterminado,  
insatisfatório, o prazer e o orgu-  
lho da duração. O erro é por-  
tanto, o próprio homem.

"Versamus ibidem, atque insumus usque", disse Lucrecio.  
(1) O espírito humano, girando eternamente dentro de um círculo estreito, não pode compreender nem avaliar a natureza profunda da realidade. Sendo ele próprio parte integrante da aparição universal, sendo efeito e fenômeno, como será capaz de determinar a sua causalidade? Pois, é justamente "isso o que ele pretende, quando, presumidamente, afirma dente de uma experiência metafísica ou em face de uma dedução sábia, que está com a verdade. Quem está com a verdade? Certamente não seriamos nos mesmos, nem todos os "psicómatos, superiores", nem certamente os "sub-conscientes", os "sub-luminares" e os demais resultados que a nossa doce fantasia nos pondo em circulação. Os sistemas de metafísica, os sistemas de metafísica tecem, entretanto, e sua vantagem comprovada. Quando não nos levam ao desespero, a um amoralismo descolorante ou à labareda dos ouvidos direitos, trazem-nos, no entanto, incréduleiras, demasiado convicções, raramente elas formam de sujeito com verdadeira especulação da inteligência.

Nada mais é escrito, p  
exemplo, que as conclusões pro-  
postas pelo cartesianismo, pa-  
distinuirmos a verdade de  
erro. Elas se encostam, em  
todos os sentidos, nos famosos  
"Regulae et directiones inge-  
nii", estabelecidas por Descartes.  
Toda a ciéncia, segundo  
as ideias lúridas e rebuscas, se ba-  
sava em duas espécies distin-  
tas. Pela "intuição" determinava-  
se determinar um dado numero  
de proposições "certas e irrefuta-  
veis", que se tornavam os cri-  
térios deles; depois, noutro pa-  
cesso, tento de "descobrir" re-  
sultados esconvidos, que eram  
as "consequências" das primeiras  
"experiências" tiradas, ou seja,  
conceitos preservados, elaborados  
por Deus. Ora, essa é a  
"intuição indemoniada", cele-  
breida por Deus, que a nos-  
so conhecimento édica e perfaz! S.  
Deus, para o nosso conhecimen-  
to é um ato de si mesmo conhecer  
as regras de se - de se impõer  
elas. E a esse fato resulta  
depois de seu "luminoso raciocínio"  
as "probabilidades da nossa ex-  
periência". Cremos, então, na  
"contradição in adiecto" da  
"exemplidíssima ecclésiastica mo-



*No encerramento da Semana de Arte Moderna, Ronald de Carvalho, Gracil Aranha e Renato de Almeida*

# DE RODENBACH A

**Quando**, em 1858, Taine, na sua "Filosofia da Arte", examinando as características do gênero flamengo, declarou que a literatura dos Países Baixos era inexpressiva, acanhada e mediocre; que os seus escritores, à semelhança dos poetas moralistas dos séculos XIII e XIV, não possuíam aquele dom de universalidade dos verdadeiros criadores, a crítica europeia não soube então confirmar o seu juizo e as suas conclusões. No grande Spinoza, via o esteta francês um judeu de raça, sem ligações étnicas ou morais, com o ambiente em que nasceu. Pela educação intelectual, era um discípulo de Descartes, pelas heranças do sangue um filho solitário e isolado dos rabinos da Galícia. No sutil e aquidissimo Erasmo, segundo afirmava, existia apenas, já no seu estilo claro e luminoso, já nos seus pendentes e nos seus postos, já na sua fina e ácida ironia o desengano e o tranzo de um humanista, ligado à família dos eruditos italiani do Renascimento (1).

Postos de lado, assim, por um critério preconcebido, tão ao sebo do mestre francês, os dois altos engenhos literários dos Países Baixos, nada mais lógico e razoável que fulgar o pensamento flamengo estreito, limitado a um regionalismo curioso mas sem universalidade. Excecia-se Taine, entretanto, dos Froissart, dos Comines, dos Príncipe de Ligne e de tantos outros cronistas, historiadores, ensaiistas e críticos atilados que, para revalidar a sua tese admiravelmente desenvolvida, passavam a ser considerados como representantes da cultura francesa, sem raízes na raça flamenga.

Nas últimas décadas do século XIX, porém, alguns lustros depois do seu julgamento severo acerca da literatura dos Países Baixos, começaram a operar-se na Bélgica um movimento de reação vigorosa e lida. A Europa, surpreendida,

via surgir uma floração de poetas, romancistas, críticos, teatrólogos e erudiotos eminentes, naquele mesmo país, que a pena eloquente e fantástica de Taine, num dos seus livros mais famosos e aplaudidos, passaria em juízgado intelectualmente, por maneira tão definitiva. Ao redor da "Jeune Belgique", revista por tantos títulos ilustres, agruparam-se artistas e letrados cheios de ardor e de fé no recrudimento do nível mental da sua raça, todos empenhados em desmentir o conceito apresentado e injusto que pesava, dolorosamente, sobre a energia criadora do povo belga. Ao contrário daquelas amargas palavras de Baudelaire, os homens de boa vontade começavam a perceber que nem só os cidadãos do lucro e a vanguarda do progresso industrial preocupavam a alma flamenga. Havia nela, sobretudo, um alto poder de idealismo, uma grande força de realização intelectual, um apurado sentimento das belas cousas deste mundo. A própria literatura francesa, cansada já dos exageros românticos e das habilidinhas farfalhantes exploradas pelo virtuosismo parnasiano, sentia nas suas narrativas correntes o influjo de uma nova seiva. O movimento simbolista de Mallarmé, o decadismo de Verlaine, o romântismo de Jean Moreas, em summa, toda a reação espiritualista dos fins do século passado está intimamente ligada ao gênio da raça belga.

Três poetas, especialmente, contribuirão muito para o esplendor da literatura francesa contemporânea. Georges Rodenbach, o poeta dos canais, das cidades adormecidas e tranquilas, dos ninos e dos carrinhos cheios de doce melancolia; Verhaeren, o poeta da força, do titânico tentacular das máquinas, da febre tumultuosa das usinas e das fábricas, do turbulento de desejos imperialistas da civilização moderna; e Maeterlinck, o poeta da misteriosa

interior, daquelle que está mais no fundo da nossa conciênci-a, da dúvida do desconhecido, do instinto e da morte. Flamen-gos, desde os seus nomes até as características mais fundamen-tais dos seus temperame-nos, Rodenbach, Maeterlinck e Verhaeren bastariam, por si sós, para a glória de uma litera-tura.

Não é mister pôr em relevo a obra de muitos outros, como Van Lerberghe, cuja "Canção de Eva" é um dos flagrantes mais lúcidos do coração feminino em face do mundo; Fernand Séverin, cujos poemas traduzem toda a inquietude da tristeza contemporânea, do homem moderno, diante da vida que pausa, ou Albert Mockel, amigo das assonâncias caprichosas, e dos ritmos imaginativos ou ainda Max Eiskamp, unido à vida aérea, ou Ivan Gilkin, Albert Giraud, Grégoire Le Roy, André Fontainas, Paul Gerard, Victor Kinon, Ramaeckers, tantos artistas admiráveis, para termos a certeza de que a poesia da Bélgica é uma das mais ricas, várias e combativas da cultura ocidental. Vejamos, pois, em traços gerais, a fisionomia daqueles três poetas citados. cada qual representando sua índole própria, e apesar de comum herança romântica que os caracteriza, uma figura de precursor.

Rodenbach passou a infância nas Flandres, rodeado de choupos e canaíz, entre as velhas casas de pinhão e a gente humilde da cidade de Gand. O ambiente é, ali, recôndito e cimo. O dorso das planícies ondula levemente sobre dunas e colinas macias, e o horizonte ao fundo, tem o colorido esbatido e fugitivo de certos paisagens de Holbeina. Nem uma nuvem se destaca, aspiradamente. As árvores, os moirinhos e granjas transmitem o mesmo aspecto de melancolia suave e doce que, outrora, exprimiu alma voluptuosa e sensítila das fidalgas da casa de Borgonha. Nas Flandres, tudo é sonho languidão. Dos lírios perfumados às tulipas, fazendas de mares livos, o olhar não encontra um ângulo duro, uma janela pesada, um tom caricatural e empítrico. Dentro da luz calma e plenária do norte, toda a paisagem se desenrola como sobreluz de uma lâmpada discrica. Os raios bativos, estreitamente de placas luminosas de dourados, espelhos de verdade amigadas em cartadas por manchas de areia lisa e dourada, tornam à distância, o gracioso contorno de uma gravura de Adriano Brueghel.

A exemplo do flâncimo, natureza que o cerca é sempre um exagero de rica densidade. Um exquisito bucolismo encontra-se a umbela dos ramos secos; os folhais não tomam com violência, como dentro das massas misteriosas carregadas de perfume das flores vividas e extintas, os rios não se calam nos seixos ingremes, nem anêmicas esparramadas encostam devorar subidas. O céu que vira ao largo, em direção ao sol, e que, no horizonte, abala as montanhas de terra, reforça a voz e das cravadas



*Último retrato de Ronald de Carvalho. Instantâneo tirado em companhia dos srts. Jaime de Barros e Mesquita Serrão*

Para ser um grande poeta, Rodenbach não teve mais que imitar as graças da sua terra natal. Segundo, por instinto, o prudente conselho do maneirista Horácio, não pediu para adornar a sua paleta as galas de um sol exótico. Suas tintas são as que primeiro brilharam nos seus olhos de infantil e adolescente, suas reminiscências são as que lhe foram transmitidas com as rozes e o leite materno. Fora delas, não buscou outras, que as aprendidas na primeira idade lhe hasturaram. Há nos seus poemas aquela cheiro da terra virgem que, unta res sentir, nunca mais se embolte na memória:

Breughel, pé-lo-eis sempre constante de si mesmo, na majestade ou na alegria. O retrato de deles trouçou Giacopuccini, no século XVI, atendendo ao caravízio hóje. "São de seu naturel calmos e seguros. Sermos com prudência e sabedoria à fortuna e das outras coisas mundanas, e não se perturbar facilmente, o que se depressa das suas palavras e fisionomias. Não se entreguem às espasmas da cólera e do orgulho, mas preferem viver quietamente cheios de juventude e bom humor". Na mesa das casas pastorais, como na da Arcobispado, lourado pelo des Frel, luar Sousa, se mingueam polpas

En province, dans la langueur imaturinie.

Tinte le carillon, tinte dans la  
fouaceur  
De l'aube qui regarde avec des  
lyeux de seur,

a Tinte le carillon — et sa mu-  
is que paie  
de, s'eteuille fleur à fleur sur les  
rs tte des lanternes

Et sur les escaliers des pignons  
Noirs s'effeuille  
Comme un bouquet de sons

... que le vent souffle,  
Musique du matin qui tombe de  
la tour.

Qui tombe ce très loin en gulf-  
Langes fanées.  
Qui tombe de Naguère en invi-  
Isibles lis.

En pétales si lents, si froids et  
Qu'ils semblent s'effeuiller du  
fusant mort des Années

para desvendar a doença, e demasia de "pacot e riso" para manter uma vida animada e encantada.

Entretanto, ao reves do vânio cintilante, criptide fantástica, ele desenhou, em

*timo pernecer, a maior  
mais longinqua, o uicto que  
observa ou a ideia que exerce.*

à pintura escrupulosa, acore  
ingênuas dos primitivos, per-  
ver confirmado esse fato.

*madonas de Memlinc, por ex-  
emplo, no arabesco primitivo  
veludos e brocados, no espe-  
cho decorativo das portas &c.*

*drárias, são descalculas com  
mesmo rigor de ex. São co-  
que um belíssimo e alto*

uma ogiva se encontra no  
papel se aprimora ou quando  
do céu se mostra num con-  
to harmonioso, para o treli-

Sea temporamento é o espírito da sensibilidade mística e idílio das Flandres, como as cenas de Jeó, a belo, os retratos de Mochet e a filosofia etária e magnífica de Edmond Picard e a expressão desse humanismo na rirada e mordaz de Waltona. O Flamengo é, aparentemente, pouco observador. Lemalem, seu juiz penetra sólido nas coisas, nos seus outros brumosos não crepitam liberdades de vivacidade, sua misericórdia não traduz, por via de regra, os tesouros da sua "psique". Como nas cenas domésticas de Petrus Christus e nas quermezes festivas de Van

*Dedicatória que Ronald de Carvalho fez à D. Letícia, no volume das *Primeras Poesias* de François Coppée*

# VERHAEREN — Ronald de Carvalho

(Continuação da pag. anterior) Radenbach, abremos-nos sobre a sua heróica de uma alma, e de Jean Rodenbach, da "arte do Barão", de Rodenbach. As suas, haverá de terem um gosto inesquecível, um impulso profundo, uma paixão envolvente que se sente pernecer, de improviso, no nosso recômulo mais íntimo.

Graças a Rodenbach é, especialmente, um pintor de impasses, um gaudentor paciente do momento que passa. A resistência dos canais, dos velhos muros cobertos de musgo e das velhas portas reidas de limo, a desordem dos salões senhoriosos, das repousas suaves nos parques solitários; o mistério das lâmpadas acexas na penumbra, quando, em cada móvel e em cada sala há uma recordação temerosa, a música dos órgãos, a desolação dos domingos na província, aquela que um crítico recente, o sr. Louis Esteve classificou de "mais da tarde" e do "crepusculo". (2) tudo quanto, em suma, nos transporta a um mundo de sugestões e de calma resignação, mereceu as preferências do autor de "Bruges-a-morto". Não sentimos um tique despropósito ou pomposo em suas imagens e, embora sejam por vezes obscuras, não há dureza ou inflexibilidade no ritmo dos seus poemas. Eno, o verso livre, Rodenbach sabe dar-lhe toda a malícia necessária, imprimindo-lhe um certo sabor clássico. Por tudo isso, sua influência na literatura francesa contemporânea é incontestável. De Sénac até o sr. Foulon de Vauzelles, apelidado o Rodenbach francês, não é difícil rastreiar o seu influjo poderoso.

Hector Verhaeren, como apontou René de Gourmont, pode dizer-se, resume o teatro belga. (3) Integrando mais do que pensado, quer significar, colando-nos naturalmente à imagem, que descreva indiretamente as novas sensações, em lugar da real, que expõe ou procura explicar diretamente as nossas sensações, dando-as em evocação, o como de "Pélleas et Melisande" e os dos escritores mais representativos do nosso tempo. Não concordamos mais nem em sua maneira, como os românticos ou os imbecilizantes simbolistas.

Verhaeren, por indúla ou por similitude, não, em todo caso, só se devia seguir. As fórmulas científicas, revistas ou promissoras de nenhuma, não puderam substituir a filosofia que perdemos. De um lado, portanto, tensão e dureza, de outro, uma série de conjecturas rás, de premissas absurdas, de caminhos que se interpenetram, que se cruzam, encravando afastar-se, que se alargam tentando con-

traír para essas vibrações secretas. Conseguiu apanhá-las, refletir minhas dessas ondas sutis que esforçam apenas o nosso sub-consciente, que não chegam a passar pelos nossos sentidos, que não ajedram a envolver tudo. As estrelas, os polos de aluminio metágem, une uma cena de amor, dos solstícios ao rei de cristal sobre jardins silenciosos; os castelos aboiam as pontes de cedro e elevam as torres de madame na pedra a pique dos despachadores. Um ambiente de terror abafa os passos das suas personagens. São os painéis da "Princesse Maleine", as grotas subterrâneas de "Aladdin et Palomides", a floresta de círculos de "Pélleas et Melisande". Advinha-se por toda parte o soluço de uma dor insondada, e ora é o queixa desamparada dos "Cegos", ora os passos solertos da "Intrusa", que ferem o nosso coração. Quando o espectador espera um desenvolvimento lógico de cena, o gesto se amedrona e a voz adormece sobre os idhós...

"J'ai peur de comprendre", exclama o polílio "Hjalmar", na "Princesse Maleine", e, em "Pélleas et Melisande", há a seguinte réplica: "On se trompe toujours lorsqu'on ne ferme pas les yeux pour pardonner ou pour mieux regarder en soi-même..." Dentro dessa mesma resignação diante da fatalidade, da Morte misteriosa e imponderável, os maiores príncipes e reis, avós e netos, velhos e adolescentes. Não são propriamente criaturas humanas que se movem nos cenários de Verhaeren, mas sentimentos inexplicáveis que fazem vibrar, agir e viver os pobres fantasmas de orgulho que somos nós em face do Destino. Onde pois, a semelhança com Shakespeare? Descontadas as naturais influências do mestre inglês, influências perfeitamente justificáveis, creio que o ambiente, pela nostalgia das paisagens, pelo capo das que se reportam plantas, astros e águas, influiu poderosamente nos motivos do confronto. Mais, então, seria melhor aproximar dos poetas acesos, dos dinamarqueses, dos fiandenses ou do próprio Haydnbroeck, ou mesmo de Novak. Na obra de Shakespeare há um estudo atento de caracteres, uma crítica certa das regras das virtudes e dos defeitos humanos. Tudo obedece, ali a um plano preconcebido, a uma demonstração lógica, a um impositivo racional. O teatro de Maeterlinck, pelo contrário, é o imprevisto que nos surpreende a cada vez, o inesperado das situações e dos temperamentos que se não definem, que se não realizam, que ficam suspensos ante nos, e que as palavras não podem traduzir interiormente, o nos olhos atónitos, como uma

aranha de intuições, que é o nuvem doutrina. O teatro de Shakespeare é uma galeria de tipos, o de Maeterlinck uma teoria de sombras. Naquel, predomina a razão, neste, o instinto. O primeiro, representa o homem maravilhando, surpreendendo ou enganando os seus semelhantes; o segundo, o homem maravilhado, surpreendido, enganado pelo destino. De qualquer forma, porém, o que se não pode negar é que os dramas inferiores de Maeterlinck sejam uma expressão nova do poder criador do engenho humano.

Se Rodenbach é a dorura, Maeterlinck o mistério, Verhaeren é o tumulto da alma dos nossos tempos. Sua obra é uma espécie de Teogonia da Força. Nela, cantou ele os trabalhos do homem moderno, entreteve à vanha da vida intensa, ao torvelho das múltiplas atividades que absorvem, como um novo Moïse irredutível, os seus músculos, a sua vontade e a sua razão. Com todos os vínculos de linguagem que os puristas possam apontar-lhe, Verhaeren forja uma língua diferente, capaz de conter os grandes impetos da ambição e do orgulho da inteligência avassaladora da nossa idade. Ele não viu no mundo apenas a sua tragédia, mas a tragédia universal não atento unicamente nas suas dores, mas na dor de todos os seus semelhantes. Senado, pela eloqüência das suas diáatribes e pela amplitude das suas apologias, um puro romântico, nem por isso foi um romântico temporâneo, atraído e sem originalidade. Verhaeren criou um romantismo especial, onde Deus foi substituído pelo Mármena, isto é, pela força disciplinada, pela energia construtora e transformadora do Universo.

A travers boue, à travers fange, Rouent, la nuit vers le bazar, Les chars, les camions et les fidjiards Qui s'en reviennent des usines Voisines, Des cimetières et des charniers, Avec un tel poids noir de cartes, Que le sol boule et les maisons. On met au clair à certains jours, En de valées et frivoles boutiques, Ce que l'humanité des temps antiques Croyait divinement être l'amour Aussi les Dieux et leur Beauté Et l'effrayant aspect de leur l'éternité.

Et leurs yeux d'or et leurs myrtilles et leurs émblèmes Et des livres qui les blasphèment. Iment Nunquam, todavia, amos mais a Natureza que esse poeta das cidades, das lutas cruéis das competições pequeninas, do frango dos mecanismos, do rumor sonoro das usinas. O legado de Walt Whitman, que Verhaeren faz o único a compreender e engrandecer na Europa, com mais luminosidade e esplendor, não afuscou, entretanto, o seu sentimento da natureza, como no grande poeta americano, o barulho das bichanas e o ruído das forças não conseguiram ensurdecer-ló para o canto das aves e o ranger das frondes. Talvez, quem sahe, haja naqueles seus ritmos bárbaros e atissonantes, a saudade da vida simples e bucólica dos campos, da súbita existência do compônio feliz. Em um dos seus últimos livros, "Les Bleus Montagnards", o poeta helga-pône na boca de uma das suas personagens a seminota amôstra contra a cidade tentadora:

Le soir, quand je me rends au bout de l'avenu, Ce que je vois jetant là-haut, Ijusques aux nues. Une lugar, c'est la ville flamboyante au loin,

Et je rentre chez moi en lui montrant le point. Heurroux de lui crier ses torts dans les ténèbres. Elle apparaît alors, si méchante, l'ame funèbre. Et si mauvaise et si frasse, que Je vous dirai Qu'elle brûlât d'un coup comme un pan de forêt. El sous l'étreinte et le viol des flammes rouges Hurlât dans ses palais et rafat dans ses bouges. Ah! si ma haine avait, pour me servir, cent bras! Mais mon corps est pittoresque et mes membres sont las. Et rien n'est pauvre et vain comme un flot de paroles.

Educado, livremente, às marxes do Escalda, tendo vivido a adolescência ao meio das paisagens tristes e severas da Flandres oriental, entre os rebanhos e os pássaros selvagens, Verhaeren não poderia esquecer nunca os rincons solitários onde brincou menino. Sua poesia têm, de vez em quando, o sabor de uma fruta silvestre, colhida ao acaso, num passeio furtivo. A magia da terra, que o poeta levava no coração, rompia, de trecho a trecho, fumardas espessa das docas e dos estaleiros, o perfume dos seus vergéis naturais misturava-se, de espaço a espaço, no aere odor do betume e do asfalto das "cidades tentaculares".

Gloriosa e fez é a raça que pode contar, ao mesmo tempo e na mesma geração, três artistas como Rodenbach, Maeterlinck e Verhaeren. Apesar das suas rugas secundárias, das suas provocações e da antiguidade da sua família, já tocada pelos Cesares romanos, a Bélgica serena e nobre não envelhece. O amor e a Harmonia do Universo, deu-lhe a juventude eterna dos heróis, dos poetas e dos deuses, daqueles deuses claros e forais de Homero.

(1) Taine, "Philosophie de l'Art", Vol. I.

(2) Louis Esteve, "L'héritage Romantique dans la Littérature Contemporaine", Paris, 1919.

(3) "La Belgique Littéraire", Paris, 1915, 2.º ed.

## Eleméridés da Academia

1 DE JUNHO  
1860 — Nascimento do correspondente Antônio Feijó.

1870 — Falecimento de Antônio Feijó.

1879 — Sessão solene para a posse de Miguel Couto, que foi saudado por Maria de Alencar.

3 DE JUNHO

1881 — Eleição de Santos Dumont para a vaga de Graciano Aranha.

6 DE JUNHO

1779 — Nascimento de Claudio Manoel de Cunha.

1911 — Falecimento do Barão de Jucapá.

1916 — Falecimento de Eulálio de Meneses.

1920 — Sessão pública em comemoração a Miguel Couto.

7 DE JUNHO

1839 — Nascimento de Tobias Barreto.

1928 — Sessão pública em comemoração a Tomás Barbato.

8 DE JUNHO

1828 — Sessão pública em comemoração a Carlos de Lacerda.

9 DE JUNHO

1823 — Sessão pública em comemoração a Garibaldi.

1828 — Excerto de Medeiros e Almeida.

1828 — Sessão pública em homenagem ao embaixador da França marquês D'Ormesson.

10 DE JUNHO

1820 — Sessão solene para a posse de sr. Clementino Prado.

11 DE JUNHO

1831 — Sessão pública em comemoração a Cipriano Gómez.

12 DE JUNHO

1827 — Sessão solene para a posse de sr. João Neves da Fonseca.

13 DE JUNHO

1763 — Nascimento de José Bonifácio de Andrada.

1831 — Sessão pública em comemoração de Santa Ana de Lisboa.

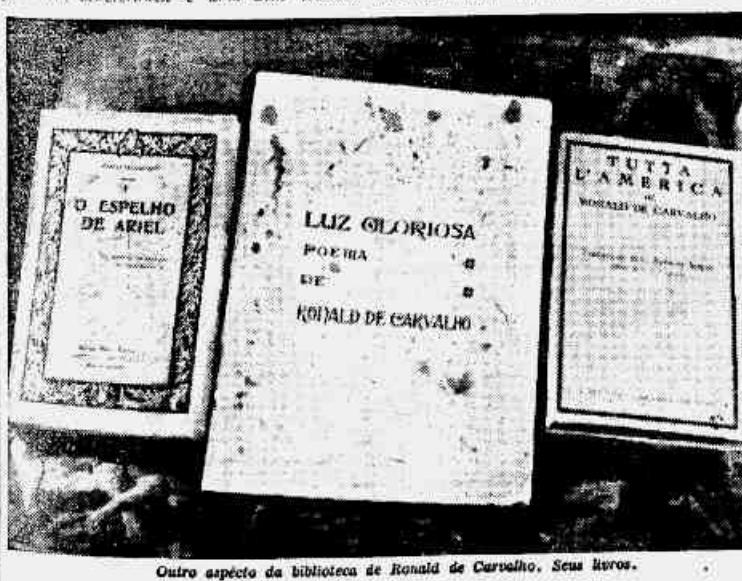
1928 — Sessão pública em comemoração à passagem do primeiro aniversário de morte de Medeiros e Almeida.

14 DE JUNHO

1898 — Falecimento do bisbeador Félix da Silva.

15 DE JUNHO

1927 — Releitura dos correspondentes Georges Dumas e Ernest Martinchac.



Outro aspecto da biblioteca de Ronald de Carvalho. Seus livros.

# LUMES DE ESTRELAS -

Premiado pela  
Academia

Em uma de suas últimas sessões, a Academia Brasileira de Letras votou, por unanimidade, o parecer do sr. Ribeiro Couto, referente ao Prêmio Olavo Bilac. Trata-se do prêmio de poesia do ano passado, e a decisão do plenário foi, de acordo com a opinião do relator e da comissão que ele representava — e que era integrada pelos srs. Olegário Mariano e Pereira da Silva — para que a lareira coubesse ao livro "Lume de Estrelas", de Alphonsus de Guimaraens Filho.

Continua assim a Academia a procurar os valores mais altos e expressivos do Brasil de hoje, para laureá-los com os seus prêmios. Há três anos, era por ela coroado o lindo livro "Viagem" de Cecília Meireles. Há dois anos recebeu o Grande Prêmio Acadêmico Brasileiro a "Túnica Inconsistente", de Jorge de Lima. Agora é premiado o "Lume de Estrelas", livro de poesia pura, como os dois anteriormente laureados.

Alphonsus de Guimaraens Filho, o autor agora laureado, é, sem sombra de favor, uma das figuras mais destacadas da atual geração brasileira. Filho de Alphonsus de Guimaraens, o lirico iluminado de "Pastoral dos crentes do Amor e da Morte", ele herdou desse grande poeta um sentimento de poesia profundo e amargurado, uma sensibilidade delicadíssima, e também uma intuição de arte muito exigente. "Lume de Estrelas", o livro que ele escreveu antes dos vinte anos revela a posse perfeita de todas as reais qualidades de um poeta, mas um poeta na grande acepção, um poeta na acepção de um ser capaz de ver as coisas que os outros não veem, capaz de sentir as coisas que os outros não sentem, na acepção de um ser complexo e misterioso, entre-méio de profeta e de místico.

Essa é a deslumbrada impressão que deixa "Lume de Estrelas" em seus leitores: a impressão de alguém arrebatado num vasto voo para esferas insaudáveis. E esse livro, que tanto fala de estrelas, de luas, de ventanias, de caminhos desertos e perdidos, de ascensões, de morte, e de sentimento e Deus, esse livro há de ficar, na bibliografia do poeta de Minas Gerais, como um marco definitivo de sua sensibilidade, de sua dor profunda, de sua poesia trágica, numa palavra.

A Academia corou o livro de Alphonsus de Guimaraens Filho, e essa notícia há de levar a maior alegria a todos os meios literários do Brasil nos quais o autor de "Lume de Estrelas" é justamente considerado um dos mais legítimos representantes de nossa poesia, nos dias de hoje.

Do livro de Alphonsus de Guimaraens Filho damos, a seguir, alguns dos poemas mais característicos.

## QUE LUZES SÃO ESSAS?

Que luzes são essas?  
Que luzes são essas, morticas, doentes,  
Que luzes são essas, que luzes dementes  
Se acendem nos mares, em campos sem fim?

Amada, esta noite tem vagas promessas...  
No peito nos ardem desejos bravios.  
Amada, responde: que luzes são essas,  
Que luzes são essas na face dos rios,  
Que luzes são essas nos campos tão frios,  
Que luzes são essas?

Amada, responde, que tudo que peças  
Darei, de joelhos no pouso deserto...  
Amada, responde: que luzes são essas,  
Que luzes são essas que eu sinto tão perto?

Serão de ladeiras? Que luzes são essas?  
Serão das igrejas? Serão deromeiros?  
Amada, responde, que tudo que peças  
Darei, terros, mares, estrelas, veleiros,

Amada, responde... Serão dos doentes?  
Serão dos doentes? Que luzes são essas?  
serão dos enfermos que fazem pungentes,  
Que fazem medonhos, pungentes promessas?

Serão fogos-fátuos? Que luzes são essas?  
Que luzes são essas?  
Serão as lanternas dos loucos de alem?  
Amada, esta noite tem vagas promessas  
E eu tenho segredos que a noite não tem,

Serão olhos mortos? Serão olhos mortos?  
Que luzes são essas?  
Ah! velas nos mares, ah! velas nos portos,  
Que luzes são essas?

Serão dos amantes perdidos nos mares,  
Serão de saveiros na noite sem fim?  
Amada, durmamos, que os mentos nos mares  
Já chamam por mim!

Amada, esqueçamos... que durmam as estradas...  
Que luzes são essas, Amada, em mim?  
Amada, fujamos, que alem, nos estradas,  
Que alem, pelos mares, as luzes geladas  
Já chamam por mim!

## TRISTE CANÇÃO PARA A IRMÃ

Faz tanto frio, à minha irmã! Gela-me as mãos  
[o vento...]  
Na velha lar onde a pôr tem carinhos de santa,  
Eis-me assim, a esperar outra vida mais bela,  
Onde haja mais sonho e onde haja mais luar.

Faz tanto frio, irmã, e eu bem sei que padeces,  
Que teus olhos são luas e rosas as tuas mãos...  
Tu, irmã, tu que és como um campo onde eu  
[pressinto

A gênese da paz, a soluçar na bruma,  
Irmã, ai! pede ao vento, ai! pede, irmã, que cale  
Seu soluço que fere o meu cansaço voo!  
Bem vés minha paixão, meu desespero, e sentes  
Nos minhas mãos de linho  
Imponderaveis muros de estrangulados mortos,  
e no meu peito tens o frio das estrelas  
E ouves a música do mal lacerar-me as entranhas.  
Faz tanto frio, irmã, ó companheira! Ai! deixa  
Que nas mãos eu te leve a oferenda mais alta  
E que bebas das minhas mãos e comes do meu  
[pão.

Juntos assim, irmã, na mesa antiga, termos  
No coração, talvez, ou nas cadeiras toscas,  
As saudades visões dos que um dia vieram  
A este lar ancestral e por aqui deixaram  
O rastro do seu sangue ou da sua miséria.  
Quem fala assim, de leve? E's tu, Avô? Ou de  
[joelhos

E's tu, suave Avô, a rezor de joelhos,  
Tu que tens na cabeça a palidez distante  
Dos estrelas de Deus?  
Quem reza assim, de leve? E's tu, meu Pai, que  
[frazes

Consolo ao peito meu e afago a esta miséria?  
E's tu, meu triste Pai! Doces visões, ó sombras  
Erradias, talvez nos saiba bem meu vinho,  
Ou talvez ou talvez vos agrade meu pão.  
Nem sei dizer como vos sinto em mim, sombras  
[suaves,

Como sinto em meu peito os corações de outrora  
E o vosso eterno afago em minhas rudes mãos.  
Lavrei a vossa terra, a terra que deixastes  
Aos que iriam depois provar desta saudade  
E no peito sentir a chaga da miséria...

Lavrei a vossa terra e vi na terra eterna  
Germinar meu vinhedo e florir o meu pão.  
Sombrias, vindre beijar-me o olhar desesperado,  
Vinde ver-nos aqui, irmãos em paz efêmera.  
Vinde ver-nos, irmãos, no doce lar antigo,  
Onde há a mesma lâmpada a velar os que sonham  
E a mesma paz cobre a mesa onde descansa o  
[pão.

Faz tanto frio, irmã, ó companheira, ó esposa,  
Faz tanto frio,  
Que é impossível encontrar agasalho na noite...  
Talvez possamos tê-lo  
(Repousa aqui, irmã! Como estás gelada!)  
Talvez possamos tê-lo  
Noutra paz, noutra paz, num mundo que não  
[este,  
Onde devem existir outra mesa e outro pão.

Dá-me teus lábios, irmã, e o afago da tua mão.

## POR CAMPOS VIM

A tarde é frio... Por campos vim: por campos  
[vim cantando, ao vento frio.  
E olhando o trigo morto e os campos devastados  
A mim mesmo me disse, abençoando a tarde  
— Se há sinos lembrando Deus aos peregrinos  
[inquietos,

Descansemos aqui, que a noite vem de manhã.  
E em breve hó-de chegar até nosso estalegim,  
Tudo é frio demais para que possamos ter sono  
[solo na jardina  
E o vento já castiga a bruma nos caminhos.  
Agitando com as mãos lenços brancos em pétus.

Se eu dissesse: — Que frio! seria me entregar  
[aos ventos e ao deserto.  
Seria desaparecer na tarde como as sombras.  
Por entre a paz das cruzes e do trigo.  
Seria me atirar ao tédio e ver de joelhos  
Chorar o sol que morre nas montanhas  
Em meio à bruma que me desespera.

Tarde! O sol é como um sonho, é uma visão já  
[morto.

E entanto sombras há cobrindo estes pinheiros.  
Já que nada me resta neste frio,  
Estando as mãos a Deus pedindo amparo,  
É triste ver que a noite afogará no solo  
A minha sombra e em vão saluçarei nos portos,  
E em vão castigarei a minha carne em braços  
Para que possa ir, na madrugada breve,  
Livre da tentação que desespera a carne,  
Até o pousa de Deus, perdido nas estrelas.

Por campos vim... Por campos hei-de ir, em  
[sangue me arrastando,  
Para o pousa de Deus.

## A LOURA AMADA

A loura amada há de vir. Bem o sei. E bem visto  
Que os seus olhos me quicam como a brasa.  
[cintas

E seu corpo é um facho de estrela sobre o mar.

Quando chegar, os ventos estarão gritando...  
[Companheiros,

Como quem vai buscar na distância outra loura,  
Os meus braços erguerão para os ventos noturnos,  
Cúmplices da minha dor, escravos do meu sangue,  
Enfermeiros distantes destas chagas.

A loura amada há-de vir, pois nos campos  
[rebenta em festões a luz do trigo.

E tantos peregrinos em bandos cruzam as estradas  
[das a distância,

Perguntando-me, a chorar, onde o pousa de Deus.  
Que lhes posso dizer se sou apenas o rastro da

[Senhor na terra,  
Se sou apenas a asa partida a ver distâncias que  
[me seduzem,

Se os ventos sofrerem, se os ventos gritam nos portos  
[sogres dilacerados,

Se os ventos gritam ensanguentados por sobre as  
[cruzes dilaceradas,

Se os ventos gritam ensanguentados por sobre as  
[cruzes abandonadas,

Se os ventos passam, os célerados, ferindo o sonho  
[da solidão,

A loura amada, irmão que a esperas, tem os  
[belos da cor da aurora,

E a sua alma, como a etilena, tem chamas brancas  
[cas que me desvairam...

Tanta pureza tem o seu corpo que nele um dia  
[terás a aurora,

E do seu corpo tu levarás para as distâncias longas  
[fraldas,

As madrugadas iniciais, as primitivas manhãs do  
[mundo,

O pronta ardente que chorom estrelas, braços do  
[lume do teu Senhor,

# “O INTERMEZZO”, de H. HEINE

41

*Gonçalves Crespo*

Feliz é o homem que deixa os acidentes,  
Tudo o que é ruim à longe;  
Pra quem o mundo é um vólio, exclama aos salões :  
“Ela é linda, que lindezinha!”

E quando de vez em quando, romântico  
Na infinidade florista,  
Na sua angústia absorve o canto  
Do pescador em festa.

Tem que ser suave, esconde a gelosia  
Com os olhos contorcidos,  
E recita a Cida, em pleno dia  
Das expectativas amadas.

E quando a noite que em vi morto outr'ora,  
Na noite quanto aparece !  
Só que é de mim, heiça-me e chora,  
E triste e desaleja !

42

*Fernanda Xavier*

O fantasma da noite fantasia  
Sugre os sonhos da tumba semi-morto,  
Para tanto deixa que em vida  
Querido em si e em seu amor absorta.

Possava a noite sem fazer mais nada  
Que andar nas ruas indistintamente ;  
Tomou a noite não vivida e fechava  
Que infinita temor a toda a gente.

A noite confirmava o dia diurno:  
Knew uma porta na cidade aberta  
Cerrado em com minha sombra, taciturna,  
Vinha a cidade percorrer, deserta.

Chegou a noite, o coração latente,  
Andava sozinho ali de rua em rua...  
Correu por medo-me sorriente  
Colava a noite a máscara da lua.

E dormiu, só em frente a tua casa  
Aguardando-te a vista palpitar,  
E nesse ato de tal modo em braço,  
Que ao lembrar-me inda junde aquele instante.

E que eu sabia que o teu velho amado  
Gostava, ao báculo olhar a tua.  
E ver-te ali como um pilar plantado,  
Fazendo em cheio pela luz da lua.

43

*Luis Delfino*

Este am é uma, que eleito  
Ten outro, este outro a não quer;  
E escolheu: leva ao leito  
Outra esposa, outra mulher... .

Anoite e não ser querida !...  
Que folha solta à procissão !  
Quer para tornar doce a vida  
Ela é mulher, ela é bela... .

Sózinho me muito embora,  
E vende, vende viver,  
Dá de avolumes por fora...  
Ela é leva, ela é mulher... .

Como o príncipe que acaso  
Deixou de sair à janela;  
Tinha a rosa tem seu vaso;  
Ela é mulher, ela é bela... .

Ela esperava outra cosa...  
Dá-lhe tanto qualquer !  
Dá-lhe ! enganou-se de esposa;  
Não era aquela mulher... .

Outra... outra qualquer mais santa...  
Ela... a não ter aos pés dela !  
Olha... interroga... se espanta...  
Ela é mulher, ela é bela... .

Esta história era recente:  
Mas alguém soube depois,  
Que é vadia, que infelizmente  
Sempre anda a dar-se entre dois.

44

*João Ribeiro*

O Amor, a casta Amizade,  
E a Unidade-Saf...  
Triplex preciosidade !

Pois, desde que me entendi  
Ander atraç das... Qual !  
Uma sequer nunca vi.

45

*Augusto de Lima*

Com que samboso pezar  
Ocio ainda, inútil amiga,  
Aquiela doce cantiga  
Que costumava cantar !

Parece que o coração  
Vai estalar-me no peito,  
Em fibros rotas desfeito  
Por dolorosa opressão.

E ignoto anseio me atira  
Sobre as flores das suspensas,  
Ai, meu pezar inútil,  
Disperso em prantos se eva !

46

*João Ribeiro*

Volla-se ao luminoso sol a flor,  
O río corre ao luminoso mar,  
Voa a cantiga ao luminoso amor...  
Não há de essa canção a ti voar ?

47

*Rodrigo Otávio*

Certa noite sonhei que uma princesa,  
Pálida, triste, formosa,  
Palpitante no meu seio tímida pressa,  
Numa sombria devesa,  
Sob uma tília frondosa

— Não quero o teu cetro de ouro,  
“Nem o diadema fulgido ambição  
“Que posso em teu velho lar...  
“Não quero de teus pais o regio trono!...  
“Eu só quero a ti por meu tesouro... ”

Disse-lhe : E a minha doce enamorada  
— “Impossível !” tornou, com triste aspecto  
“Eu vivo já na funbre morada  
“De onde apenas de noite na calada,  
“(Quando o espaço em trevas for  
“Virei contigo estar por um momento  
“Porque é meu único amor... ”

48

*Magnólia de Assredo*

O' minha doce amada I  
Entraremos, unidos ternamente,  
Em barquinha veloz  
A noite ia serena e constelada;  
Sobre vasto lençol de água esplendente,  
Vogavamos a sós... .

A ilha misteriosa  
Dos espíritos, vaga se estabia.  
Do luar aos clarões;  
Lá, flutuante dansa nebulosa  
Moava, ao som de mágica harmonia,  
Em leves turbilhões... .

Cada vez mais sentida  
Era a harmonia desse belo canto,  
Que adejava pelo ar,  
E a dança tinha cada vez mais vida;  
Nós dois, nós dois vogavamos, entanto,  
Sem esperança, pelo vasto mar !

49

*Fernanda Xavier*

Por veres de uma lenda misteriosa  
Surge uma branca não abençoada,  
Mais que me guia e leva carimbosa  
A uma terra encantada.

Terra do sonho, incógnita paragem!  
Vejo ali nos poentes magoados  
As flores que entreveijam-se na aragem  
Como seres amados.

Toda a paisagem se polvilha de ouro;  
Cantam as fontes murruras e queridas,  
Cantam todas as árvores em coro  
Num muralho de pérolas.

São cantigas de amores nunca ouvidas  
De nós outros mortais e sonhadores;  
Estas sim, de nós outros não sabidos  
São cantigas de amores.

Ah! quem me dera me prenades um dia  
Aquela branca não abençoada,  
Livre de dores, cheio de alegria,  
Nessa terra encantada!

Mas a terra transmuda-se em deserto  
De solidão, inhóspito e medonho,  
Pois essa terra esvai-se, mal deserto,  
Como as névoas de um sonho.

50

*Belarmino Carneiro*

Amei-te e amo-te ainda!  
Quando o orbe todo ruisse,  
Das ruínas sob o fragor  
Versas arder, ó linda,  
O incêndio do meu amor.

51

*Gonçalves Crespo*

Rompa a manhã, rompa  
Alegre como um trinado,  
E em la triste e calado,  
No meio dessa alegria,  
Por entre as flores do prado... .

Vendo-me, as flores do prado  
Mais as rosas do silvado  
Cochicharam em segredo...  
E ergundo os olhos, a medo,  
Num tom de voz repassado  
Da mais branda languidez:  
“Como ele vai irritado,  
“Os olhos fitos no chão!  
“Perdoa por esta vez,  
“Não ralhes com ela, não?”

52

*Luis Delfino*

E' fantástica história, alta noite de estio;  
Num vermelho fulgor  
O meu amor reúne magnifico e sonhoso...  
O meu sombrio amor !

Timidos, mudos, sós, buscando escusa trilha...  
Timidos, mudos, sós,  
Andam pelo vergel à furtiva. A lua brilha.  
Cantam os rouxinóis.

Pelo encantado bosque erram os dois amantes.  
Timidos, sós, os dois;  
Vejem dos clarões, ao longe, olhares deslumbrantes:  
O luar lá dentro ao por... .

Calma estacou, bem como estátua, a amada bela,  
Calmia, serena e doce;  
E o jovem cavaleiro ali diante dela...  
Diante dela ajoelhou-se.

Chega alguém do deserto... um gigante... o colosso...  
Foge a moça aterrada;  
E mal ferido rola ensanguentado o moço  
Na relva ensanguentada.

Findou-se a história; e ainda em marcha brônea  
Pausadamente cada perna  
Move-se, ao longe, o monstro, até que o engole a  
Fosca...  
A escura boca da caverna... .

# O BEBEDO

Ilustração de OSVALDO GOELDI



UM BEBEDO ESTÁ CANTANDO NA ESTRADA.  
A VOZ DO BEBEDO VEM DE LONGE,  
LA' DE BAIXO DA ESTRADA MOLHADA.  
A VOZ DO BEBEDO VEM DA NOITE ÚNIDA,  
VEM DA ESTRADA QUE AS CHUVAS DA TARDE ENSOPARAM.  
FOI A NOITE QUI EXALTOU O BEBEDO  
ELE É UM PEDAÇO DE VOZ DENTRO DA NOITE,  
É UMA VOZ EXALTADA CLAMANDO  
É ALGUMA COISA DE EXALTADO  
DENTRO DA NOITE.

E' UM BÊBEO, LONGE, E' UM BÊBEO  
QUE ESTÁ NA ESTRADA.  
COMO UM SAPO  
COMO UM PEDAÇO DE VOZ DEPENDURADA NUMA CERCA.  
E' UM BEBEDO QUI ESTÁ CLAMANDO, E' UM PROFETA NO DESERTO.  
E' UM NAUFRAGO NA ESTRADA, NO MAR, NO CAMINHO.  
E' UM BEBEDO QUE ESTÁ EXALTADO FELA NOITE  
E' UM FURIOSO ENTRE AS FURIOSAS FORÇAS INVISIVEIS,  
E' UMA VOZ GRITANDO CONTRA AS ÁRVORES,  
E' UMA VOZ QUE SE LEVANTA DA LAMA.  
E' PROCURA SE LIBERTAR DO TERROR E DO MISTÉRIO  
E' UM BEBEDO GRITANDO.  
PENSARA' QUE ESTÁ CANTANDO?  
E' UM BEBEDO NA NOITE,  
E' UM HOMEM NA NOITE,  
E' UMA ALMA NO MUNDO.  
E' UM BICHO MISTERIOSO QUE FALA,  
E' UM PARTICIPANTE DO MISTÉRIO.  
E' UM HOMEM ESSE BEBEDO  
E' UM SER QUE SE LEVANTARA' BEBEDO,  
AO SOM DAS TROMBETAS  
E VIRA' EXALTADO,  
E VIRA' CAMBALEANDO,  
E VIRA' CLAMANDO.  
PELO GRANDE CAMINHO.  
E' UM SER, E' UM BEBEDO NA NOITE,  
E' UM PERSEGUIDO PELOS CÃES.  
MAS A SUA VOZ E' UM MILAGRE  
E BEBEDO NA ESTRADA ÚNIDA  
E PERSEGUIDO PELOS CÃES.  
ELE POVOA O MUNDO NOTURNO DE TERROR, DE GRAVIDADE E DO SENTIMENTO DA  
IMORTE.

E' UM BEBEDO NA ESTRADA.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT